

Fotografias Urbanas:

encontros com o ambiente

Franciele Fevero



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

Fotografias Urbanas: Encontros com o Ambiente

Franciele Favero

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do grau
de Bacharel em Ciências Biológicas. Disciplina
Estágio II (BIO 5156).

Orientador: Leandro Belinaso Guimarães

Florianópolis, junho de 2009.

*Dedico esse trabalho aos meus pais, Antonio e Neuza, que nunca mediram esforços nem amor e incentivo para que eu e meu irmão tivéssemos melhores oportunidades na vida;
ao meu irmão Fernando, por ter sempre me ensinado tudo que sabia;
ao meu namorado Francisco, minha vida, minha chance, minha inspiração;
à minha amikino Mayumi, sem a qual a vida não teria graça nenhuma.*

Agradecimentos

Aos meus pais, por acreditarem em mim e por terem me dado o apoio que eu precisei durante esses meses. À minha mãe, pelas orações, pelas conversas diárias e visitas que davam outro fôlego para continuar. Ao meu pai, por todo o carinho e atenção, por toda a segurança que me proporciona e a quem sempre posso recorrer. NEQEAV.

Ao meu irmão, querido amigo, obrigada pelos anos que morou comigo, por ter cuidado de mim nesse início de faculdade quando eu precisava tanto, por fazer tudo o que estava ao seu alcance para me ajudar sempre, desde que nasci. Agradeço à minha cunhada Gisele, pela companhia nos momentos de maior necessidade e pela animação e alegria em tantos outros.

Um agradecimento especial para Francisco, meu namorado, meu amigo, meu professor, meu salva-vidas, meu artista preferido, minha segurança, por todo o apoio, amor e compreensão durante esses quatro anos, por ter feito tanto por mim e pelo meu trabalho e por me lembrar que existem ainda muitas outras coisas para vivermos juntos.

À minha irmã de coração Mayumi, por toda a ajuda que só quem me conhece tão bem pode me dar, pelas conversas pelo MSN, por todo o esforço para participar ativamente desse momento como se estivesse aqui, pelas histórias divertidas e nossos diálogos com palavras inventadas que me fazem doer a barriga de tanto rir.

Aos meus queridos amigos: Lucas, por estar sempre tão presente mesmo estando tão longe, pelas conversas inspiradoras, visitas inesquecíveis e pela amizade que cresce a cada dia; Douglas (Sorriso), que com sua alegria que não conhece limites anima a todos que estão à sua volta, obrigada por estar comigo nesse momento da minha vida e tornar tudo muito mais tranquilo; Pamella, pela imensa generosidade, por toda a força e ajuda durante esse último mês, presença salvadora em minha casa e em minha vida. À minha querida amiga Marina, por estar sempre perto, principalmente nas horas mais importantes e decisivas.

Aos meu avós, que cuidaram de mim durante tantos anos para que eu nunca deixasse de estudar, ao meu “sobrinho-primo” Luquinhas, por ter alegrado minha vida com a sua chegada, muito obrigada pela pantufa que esquentou meus pés durante as noites de escrita do trabalho.

Aos meus sogros, Paulo e Sandra, por terem me recebido em sua casa com tanto carinho e por ouvirem sempre as minhas histórias com tanta atenção, ao meu cunhado Rafa, pela amizade e pelas visitas.

Aos colegas da turma 2004/2, que me ensinaram a ver a Biologia de muitas maneiras, especialmente às amigas Priscila, Elise, Cíntia, Gabi Corso, Gabi Medeiros, Fernanda e Cristine.

Ao Professor Leandro, por ter aceitado me orientar e permitido que eu trabalhasse com aquilo que gostaria, por tantas leituras e universos que me apresentou nesse processo,

Aos colegas do TECENDO: Silvestre, por ter me apontado um caminho quando precisava de ajuda; Juju, por ter me ensinado tanto durante seu trabalho; Priscila, querida amiga; Aline pelas constantes conversas que tanto me ajudaram, muito obrigada de coração; Fernanda, Manoela, Janice, Laise, Maíra e Sarinha, por compartilharem esse momento de construção de trabalhos, muito obrigada por todo o apoio; Anna e Júlia, por terem acreditado na minha proposta e realizarem o trabalho junto comigo, pela amizade que construímos durante todos esses meses; Bianca e Dayse, por serem tão atenciosas e por participarem das discussões sobre o trabalho,

Aos membros da banca pela disponibilidade de lerem o meu trabalho, às Professoras Ana Preve e Narjara por estarem presentes desde o projeto, colaborando imensamente para o desenvolvimento do trabalho, à Professora Lúcio Guido por dedicar um tempo da sua estadia para participar da minha banca.

A todos os professores com quem tive contato durante a Graduação e que colaboraram para minha formação, especialmente à Professora Carla Bonetti por ter me orientado de maneira tão delicada e por ter acreditado na minha capacidade, a todos os professores e professoras da Licenciatura, por suas aulas maravilhosas que me fizeram ver a importância e as possibilidades do campo da Educação.

Aos participantes da oficina, por terem feito desse trabalho o que ele é hoje e por terem vivido comigo muitas outras coisas que não estão presentes aqui. Obrigada pela amizade e carinho.

Sumário

1. Uma trajetória de encontros.....	9
1.1. Um encontro comigo ou com o que escapa de mim?.....	9
1.2. O encontro com a pesquisa	12
1.3. O encontro com os sujeitos da pesquisa	15
1.4. Os encontros, (des)encontros e (re)encontros metodológicos.....	17
2. Os múltiplos encontros da oficina-dispositivo.....	20
2.1. Primeiro encontro.....	23
2.2. Segundo encontro.....	25
2.3. Terceiro Encontro.....	27
2.4. Quarto encontro.....	31
2.5. Quinto encontro.....	31
3. Tudo ver: “nada a ver.....	33
4. Fugas	41
5. Pinhole: foto-experimentações.....	49
6. Alguns pensamentos	57
7. Referências.....	59
8. Anexos.....	63
ANEXO I.....	63
ANEXO II.....	64

Apresentação

Após tantos meses de pesquisa, de muitas experiências, deslocamentos e pensamentos apresento o trabalho que construí. A pesquisa parte dos meus questionamentos sobre as práticas de Educação Ambiental que com muita frequência são realizadas em espaços naturalizados, como parques, hortas, praças. Entendendo o conceito de meio ambiente como algo mais abrangente, me perguntava sobre as possibilidades de realizar essas práticas em um ambiente altamente urbanizado. Que outros entendimentos sobre meio ambiente essa mudança proporcionaria? Assim, motivada por esse desejo, criei uma oficina de Fotografia e Ambiente no centro da cidade, na tentativa de incentivar outros olhares sobre o ambiente urbano. Ao escolher os alunos e alunas de um Cursinho Pré-Vestibular como os sujeitos da pesquisa, também tentei construir uma proposta educativa que possibilitasse experiências e não apenas transmissão de informações e conteúdos. É esse processo de pesquisa aberto à múltiplas intervenções e a experimentações que apresento a vocês nas próximas páginas.

O primeiro capítulo – Uma trajetória de encontros – está subdividido em várias seções. A primeira delas – Um encontro comigo ou com o que escapa de mim – trata da minha própria trajetória durante os anos que cursei Ciências Biológicas e dos caminhos que esta foi tomando a partir das várias vivências que tive. Na segunda seção – O encontro com a pesquisa – coloco as primeiras idéias e intenções investigativas. Estas partem das intenções de desnaturalizar o conceito de meio ambiente, e assim envolvem a criação de uma proposta de Educação Ambiental em um ambiente altamente urbanizado. A escolha de quem seriam os participantes dessa pesquisa é o tema da próxima seção, em que conto um pouco sobre como foi dar aulas em um Cursinho Pré-Vestibular Comunitário, todas as angústias e pensamentos, culminando no desejo de construir uma proposta educativa mais aberta à intervenção dos estudantes. Termino então o primeiro capítulo tratando das metodologias que me inspiraram e me levaram a construir uma oficina-dispositivo de Fotografia e Ambiente no centro da cidade de Florianópolis.

No segundo capítulo - Os múltiplos encontros da oficina-dispositivo – conto um pouco dos primeiros arranjos para que a oficina pudesse ocorrer: busca do local, convite dos alunos, primeiras conversas com os inscitos. Também falo um pouco sobre o relato que construí a partir de cada encontro, e narro nas cinco seções do capítulo cada um dos encontros da oficina, entremeando o meu planejamento com o que foi realizado.

A partir das experiências da oficina, do relato construído e das muitas imagens produzidas ao longo dos cinco encontros, faço no capítulo seguintes alguns apontamentos sobre as questões que considerei mais relevantes para o meu interesse de pesquisa. No terceiro capítulo – Tudo ver:

“nada a ver” – reflito sobre as imagens e falas dos alunos que reforçavam o meio ambiente como sinônimo de natureza. Entretanto, considerei que aconteceram também deslocamentos no entendimento desse conceito, além de outras possibilidades de imagens e pensamentos disparados pelo dispositivo. Essas considerações estão presentes no quarto capítulo intitulado Fugas. No próximo capítulo – Pinhole: foto-experimentações – falo sobre as experiências que tivemos na construção e utilização de câmeras fotográficas artesanais, uma atividade que considerei disparadora de muitas outras possibilidades e acontecimentos.

Finalizo meu trabalho com um capítulo – intitulado Alguns pensamentos – dedicado às últimas considerações sobre as experiências proporcionadas pela oficina e pela trajetória da pesquisa. Espero que a leitura dessas páginas também propicie uma experiência para aqueles que nelas decidirem mergulhar.



A arte é um estado de encontro
(BOURRIAUD, 2006, p. 17)

1. Uma trajetória de encontros

1.1. Um encontro comigo ou com o que escapa de mim?

Uma flor no alto do morro em Urubici. O reencontro com uma imagem do passado. A lembrança de todo um processo vivido desde então. Uma fotografia que surge do desejo de registrar a primeira viagem a campo no curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Santa Catarina, através de uma imagem de natureza preservada que demoramos tantas horas viajando para encontrar. Mas a estrada chega cortando a paisagem e aponta o inevitável: a presença humana que não pode ser ignorada. Impossível na época não se decepcionar com essa lembrança não planejada. Minha escolha pela Biologia foi justamente para se distanciar de qualquer presença humana, fugindo para as reservas onde a “natureza” ainda era guardada sã e salva.

Logo no final do primeiro semestre de faculdade, surgiu uma oportunidade de estagiar por um mês na Escola de Educação Ambiental do Parque Nacional do Iguaçu/PR. O caminhar pelas trilhas de visitação das Cataratas do Iguaçu com alunos de escolas da região não parecia ser o que eu desejava. Falávamos sobre a fauna e a flora, sobre a importância daquela reserva e do que cada um poderia fazer para “salvar” a natureza: reduzir, reutilizar e reciclar. Sempre as mesmas falas, na mesma ordem, sem nem ao menos saber de onde vinham aquelas pessoas ou o que pensavam sobre aquilo tudo. Eu sentia que as atividades eram mais uma formalidade do que realmente um processo educativo, uma pré-conversa antes de ver e fotografar as quedas d'água, o que efetivamente interessava aos visitantes. A cada dia eu ouvia informações e notícias alarmantes sobre perda de biodiversidade e de habitats, poluição, desastres ambientais e eu não sentia que as minhas ações estavam sendo efetivas para colocar fim a esses processos. Dessa vez eu tinha certeza: não dava mais para esperar pelas pessoas.

Minha atenção então se voltou para os trabalhos de taxonomia e ecologia desenvolvidos por biólogos do Parque, e consegui acompanhar alguns durante meu estágio. Os biólogos, esses sim preocupados em preservar, em conservar, amantes da natureza como eu, realizando estudos que garantiriam o futuro da vida na Terra. Passávamos muito tempo dentro da mata, perto dos animais e das plantas, coletávamos fezes e pêlos, identificávamos espécies vegetais, montávamos armadilhas fotográficas e víamos todos os animais que havia ali. Eu nem poderia imaginar um trabalho melhor, quando outra armadilha surgiu pelo caminho. Não eram só armadilhas fotográficas que ajudei a montar, mas também várias gaiolas com a intenção de estudar os gambás do parque. Essas aprisionavam pequenos mamíferos por horas, às vezes por uma noite inteira. Quando chegávamos pela manhã, eles estavam muito estressados, e ainda tinham suas orelhas marcadas com uma

seqüência de furos e eram colocados dentro de um saco para serem pesados. Nesse momento percebi que também não me sentiria à vontade realizando um estudo assim, mesmo que todos dissessem que era necessário para a conservação das espécies.

Quando retornei às aulas, resolvi buscar alguma alternativa dentro do Bacharelado. Na 4ª fase comecei a estagiar no Laboratório de Oceanografia Costeira (LOC), onde meu contato diário era com a lupa e com os foraminíferos¹ bioindicadores² habitantes dos fundos dos rios. Eu gostei muito do trabalho, já que poderia estudar ambientes aquáticos que também me interessavam, e não precisaria lidar diretamente com animais. Essa vivência foi de suma importância na minha vida acadêmica, pois tive a oportunidade de trabalhar com professores incríveis, mas eu sentia que alguma coisa faltava. Esse trabalho parecia para mim muito distante da Biologia, e resolvi retornar ao meu próprio Centro. Já na 6ª fase do curso passei a freqüentar o Laboratório de Ecologia Vegetal, em que as saídas de campo para a Lagoa do Peri³ e para a Ilha do Campeche⁴ eram constantes enquanto estudávamos a palmeira jerivá⁵. O contato com outros colegas e professores também suscitou muitas aprendizagens, mas não senti que desejava realizar projetos de pesquisa naquela área.

A essa altura a grande maioria dos colegas já tinha encontrado a sua área de interesse e trabalhava para conseguir concluir o curso e ingressar em um mestrado na área. Eu, por outro lado, estava mais perdida do que nunca. Começava a duvidar das minhas escolhas pela Biologia, e cada dia mais eu percebia que a ciência não era aquilo que eu imaginava. As teorias empiristas e lógicas da ciência que defendem que ela é uma prática neutra, objetiva e, ainda, a única maneira de encontrar soluções plausíveis para as questões ambientais, entre outras, acabaram sendo muito diferentes das ações que eu vivenciava no meu contato com atividades científicas, em que penso haver mais incertezas do que respostas. Começava a me incomodar as posturas dogmáticas de alguns professores, o tom de verdade absoluta, que encontro, em muitos textos científicos e a quase impossibilidade de criar, sempre seguindo os mesmos passos fechados dentro de um método algumas vezes tomado como imutável.

¹. Foraminíferos são protozoários unicelulares, pertencentes ao Reino Protista e a Classe Foraminifera, estudados por serem considerados ótimos indicadores biológicos da qualidade da água e do ecossistema aquático. São encontrados tanto no fundo dos rios e mares (bentônicos) quanto na coluna d'água (pelágicos).

². Bioindicadores são espécies, grupos de espécies ou comunidades biológicas cuja presença, abundância e condições são indicativos biológicos de uma determinada condição ambiental. Disponível em http://www.icb.ufmg.br/big/benthos/index_arquivos/Page1631.htm

³. O Parque Municipal da Lagoa do Peri está localizado na região sudeste da Ilha de Santa Catarina, inserido em um dos últimos remanescentes de Floresta Atlântica. Com cerca de 20 km², o Parque abriga a maior lagoa de água doce da costa catarinense. Disponível em: http://www.pmf.sc.gov.br/floram/nova/parques/lagoa_peri.htm

⁴. Localizada a sudeste de Florianópolis, a Ilha do Campeche abriga uma parcela do patrimônio arqueológico do Estado de Santa Catarina. Formada por costões e morros recobertos de Mata Atlântica, está desde 1940 sob os cuidados da Associação Couto de Magalhães. Disponível em: <http://www.guiafloripa.com/turismo/ilhas/campeche.php3>

⁵. Jerivá é o nome popular da espécie vegetal *Syagrus romanzoffiana*, uma palmeira nativa da Mata Atlântica do Brasil.

Resolvi novamente procurar outras possibilidades fora da Biologia. Comecei a cursar a disciplina Ecologia Política, das Ciências Sociais, e fui ficando sem chão a cada nova aula cursada. Tantas idéias divergentes, tantas críticas aos meus próprios pensamentos enquanto estudante de Biologia. Discutíamos a possibilidade de integração do ser humano com o ambiente, muito diferente dos meus desejos de ver ecossistemas “intocados”. Essas discussões moveram meus pensamentos, e passei a reconsiderar o trabalho com as pessoas. Nessa fase eu já havia iniciado minhas disciplinas também em Licenciatura, inicialmente com o objetivo de garantir um sustento em caso de fracasso da profissão de bióloga, porém ao longo do tempo comecei a me interessar profundamente pelo campo da educação. A leitura de alguns autores, principalmente de Paulo Freire, revolucionou minha forma de ver o processo educativo e me lançou em novas direções. A cada disciplina que cursava conhecia outros autores, participava de discussões que geravam novas reflexões e crescia em mim o desejo de efetivamente ser uma educadora. Nesse estágio do curso, resolvi me aventurar a participar de um projeto de educação que estava aberto para professores voluntários, o Cursinho Pré-Vestibular Comunitário e assim vivenciar o papel de professora de Biologia.

Em meio a todas essas revoluções pessoais, mais uma intervenção importante aconteceu em minha trajetória. Não havia em meu círculo de relacionamentos qualquer pessoa que tivesse alguma ligação com algum tipo de arte, até que meu namorado e amigo Francisco⁶ ingressou no curso de Artes Visuais da UDESC. Com a convivência muito próxima entre nós, passei a conhecer um mundo totalmente diferente daquele que tinha vivido até então. Comecei a ler os textos do seu curso, ouvir os relatos de suas aulas, ir às exposições e conhecer melhor obras artísticas. Todos aqueles conhecimentos que ele adquiria e que chegavam até mim abriam ainda novos horizontes. Entre tantas novidades, a fotografia me chamou bastante a atenção, e sempre que podia Francisco me ensinava um pouco daquilo que estava aprendendo em suas aulas.

Meu curso de Licenciatura avançava, e me matriculei na disciplina de Instrumentação do Ensino de Biologia I, ministrada pelo professor Leandro Belinaso Guimarães. Logo no primeiro dia de aula ele nos avisou que deveríamos, para o trabalho final da disciplina criar um artefato, que poderia ser inclusive uma instalação artística ou mesmo um conjunto de imagens. Foi a oportunidade que eu esperava de unir arte, educação e Biologia, e fui pesquisar mais sobre os trabalhos que esse professor desenvolvia. O monitor dessa disciplina, Silvestre, participava do grupo de estudos coordenado pelo Prof. Leandro, e me incentivou a freqüentar as reuniões. Assim, passei a fazer parte do TECENDO – Grupo de Estudos em Educação Ambiental e Estudos

⁶. Francisco Sedrez Warmling é acadêmico do curso de Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

Culturais⁷, e também a acompanhar os Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) que ali eram desenvolvidos. Finalmente, senti que havia encontrado um lugar onde poderia construir uma proposta de pesquisa que unisse meus interesses e conhecimentos.

1.2. O encontro com a pesquisa

Muitas pesquisas em Educação Ambiental com as quais tomei contato ao longo da vida acadêmica ocorriam geralmente em espaços como parques, reservas, jardins, hortas, geralmente com o objetivo de falar sobre a fauna e a flora, fazer um trabalho de conscientização quanto à problemática ambiental e às atitudes que auxiliam a resolvê-la. Assim, já vem colada a essa idéia práticas, temáticas e espaços específicos que ao longo do tempo se consolidaram como típicos desse campo educacional, como o que pude acompanhar durante meu estágio na Escola de Educação Ambiental. Essa eleição de lugares e assuntos adequados em detrimento de outros só é possível, segundo Guimarães (2007, p.184), “pela naturalização do conceito de meio ambiente, ou seja, pelo entendimento do meio ambiente como sendo a própria natureza (vista nessa acepção como o outro lado da cultura)”.

Essa concepção geralmente é acionada quando da realização de atividades em educação e meio ambiente, resultando em um reforço dessa separação entre ser humano e natureza, natureza e cultura, ou seja, dos binarismos tão bem estabelecidos nessa apreensão da realidade cheia de limites e barreiras. Esse destacamento da humanidade do que se entende por natureza, ou no caso seu sinônimo meio ambiente, pode ter como conseqüência a compreensão de que é possível dominar, domesticar, subjugar este outro tido muitas vezes como inferior e passível de ser utilizado pelos seres humanos, os seus senhores e possuidores (GONÇALVES, 2001).

Apesar de bastante difundido como sinônimo de natureza é possível encontrar muitas outras definições para o que seja meio ambiente, sendo este um conceito múltiplo, polifônico, variável. Reigota (2007) define meio ambiente como:

(...) o lugar determinado ou percebido, onde os elementos naturais e sociais estão em relações dinâmicas e em interação. Essas relações implicam processos de criação cultural e tecnológica e processos históricos e sociais de transformação do meio natural e construído (p.14).

⁷.Criado em agosto de 2001 na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) por iniciativa de alguns estudantes de biologia da UFSC, que viam necessidade de agrupar pessoas com interesses comuns no desenvolvimento de projetos de pesquisa e de extensão universitárias, a respeito, sobretudo, da educação ambiental.

Guimarães (2007) ainda aponta que a naturalização do meio ambiente também se relaciona “a uma significação que é tomada, simplesmente como 'natural', e não como tecida, construída, produzida culturalmente” (p. 184). Assim, cristaliza-se a idéia de que meio ambiente é algo que está dado, como se houvesse uma entidade real, palpável e não que se trata de um conceito que sofre alterações e é produto de construções históricas e sociais.

Essa possibilidade de variações e modificações do que se entende hegemonicamente como o meio ambiente era algo que me interessava muito. Nessa tentativa de encontrar outras maneiras de pensar a Educação Ambiental, me deparei com o conceito de dispositivo artístico trabalhado por teóricos do campo da comunicação e das artes.

Esse conceito, segundo França (2007), parte da noção de dispositivo presente nos escritos de Michael Foucault, sobretudo aqueles dos anos de 1970. Para esse autor, o dispositivo ultrapassa apenas a idéia de um equipamento tecnológico ou uma técnica, mas constitui-se:

por um regime de fazer ver e fazer falar, curvas de enunciação e curvas de visibilidade (...) Foucault nos *faz ver* as múltiplas redes em que estamos envolvidos, a que estamos submetidos, e que nos constituem querendo ou não. São as redes que se estabelecem entre discursos, instituições, espaços, técnicas, regras, o dito e o não-dito de uma época específica, produzindo "mundos", "sujeitos", "objetos". (FRANÇA, 2007, p.49).

Assim o que é dito, visto e relacionado com determinado assunto é mediado pelo dispositivo que está em jogo em um momento histórico específico, já que esta mediação é um dos modos pelos quais a realidade nos chega (FRANÇA, 2007, p. 50). É possível pensar que existe também um dispositivo que faz ver e falar certas coisas sobre o meio ambiente, enquanto silencia outras, já que nada existe fora dos limites que permitem ver e dizer. E seria então impossível ultrapassar essas limitações?

O filósofo Gilles Deleuze aborda essa tentativa de transpor os limites de um dispositivo. Para o autor, este seria “uma espécie de novelo (...) composto por linhas de natureza diferente”(DELEUZE, 1999, p. 1), que seguem diferentes direções mas que estão constantemente se aproximando e se afastando. Existem linhas de força, que mantêm os contornos do dispositivo, mas que podem ser transpostas quando estas se voltam sobre si mesmas, afetando-se a si mesmas. Segundo o autor:

Essa dimensão do si-mesmo não é de maneira nenhuma uma

determinação preexistente que já estivesse acabada. Também aqui uma linha de subjetivação é um processo, uma produção de subjetividade num dispositivo: ela está para se fazer, na medida em que o dispositivo o deixe ou o faça possível. É uma linha de fuga. Escapa às linhas anteriores, *escapa-lhes*. O si-mesmo não é um saber, nem um poder. É um processo de individuação que diz respeito a grupos ou pessoas, que escapa tanto às forças estabelecidas como aos saberes constituídos. (DELEUZE, 1999, p. 3).

Possibilitar que essas linhas de fuga sejam traçadas é o que desejei me inspirando na idéia de dispositivo artístico. Para França (2007), este seria “uma metodologia ou um procedimento produtor, ativador – de realidades, de mundos, sensações, que não preexistem a ele” (p. 52). Nessa concepção, são os artistas aqueles que criam um dispositivo na intenção de que neles se produzam outras experiências, enunciações e visibilidades, como expresso nas palavras de Lins (2008):

É como se, diante das inúmeras máquinas que nos programam, submetem, vigiam e controlam, eles concebessem estratégias de resistência, táticas de guerrilha e pontos de implosão, fabricando uma infinidade de dispositivos inusitados, engenhocas inéditas, mecanismos de excitação e produção de experiências diversas, a “eficácia” artística e política dessas pequenas máquinas medindo-se pelo potencial produtor e transformador do que é proposto, pela possibilidade de deslocar visões estabelecidas, criar novas maneiras de ver e ser, experimentar outras sensações, narrativas, espaços e temporalidades. (LINS, 2008, p. 5).

Esse é um ponto central de onde parte meu desejo de pesquisa: a possibilidade de criar espaços e estratégias, ou seja, um dispositivo em que outras concepções sobre meio ambiente possam ser criadas por sujeitos que participem da pesquisa. Para que isso fosse possível, pensei em me deslocar dos locais considerados próprios para a realização de atividades de educação ambiental, e me aventurar justamente pelo “impróprio”, pelo “artificial”: o centro de uma grande cidade. E esse deslocamento não seria apenas no intuito de mudar de ambiente, mas também de abandonar um discurso baseado na mera conscientização dos participantes. Minha pergunta inicial era: como sujeitos participantes da pesquisa narrariam o meio ambiente tendo seu olhar direcionado para um espaço altamente urbanizado?

Essa pesquisa desejava assim construir possibilidades de que esses olhares lançados para o meio urbano pudessem “transitar por variados ângulos, se deslocar, (...) escapar às estereotípias”

(ZANELLA, 2006, p. 140) e aos conceitos pré-estabelecidos do que seja o meio ambiente. Como forma de promover esse trânsito, pensei em utilizar a fotografia em meu trabalho, para criação de “olhos que não apenas vêem”, mas de “olhares estéticos que fundamentalmente passeiam, fluem, que estabelecem relações.”(p. 145). Para constituir esses outros olhares, a fotografia não é entendida como neutra, simples instrumento de representação realista, mas sim “necessariamente uma expressão daquilo que se quer (ou que se consegue) retratar, marcada pelo olhar de quem a produz, pelo ângulo, intencionalmente escolhido ou não, pelas luzes e cores que se transformam no percurso entre o acontecimento e a objetivação do seu registro”. (p. 141).

1.3. O encontro com os sujeitos da pesquisa

Quem seriam os sujeitos da pesquisa foi um questionamento para o qual demorei para encontrar resposta. Eu sentia muita dificuldade em delimitar quem poderia participar da pesquisa, e meu desejo era reunir pessoas realmente interessadas em realizar atividades relacionadas com fotografia e meio ambiente.

Ao parar para refletir sobre o que fazer subitamente me lembrei das aulas que tinha ministrado no Pré-Vestibular Comunitário. Este projeto reúne jovens e adultos de baixa renda com interesse em rever os conteúdos do ensino médio para tentar uma vaga na Universidade, principalmente naquelas públicas. Foi criado inicialmente como projeto de extensão da UDESC (Universidade do Estado de Santa Catarina) com o auxílio da Prefeitura de Florianópolis, porém já não tinha, no momento que comecei a lecionar nesse curso, mais ligação com essas instituições. Estava naquele período sendo mantido apenas com doações feitas pela Eletrosul⁸ e pelo trabalho de professores, monitores e coordenadores voluntários, sendo que alguns destes recebiam uma pequena ajuda de custo para o transporte até o local das aulas. As salas de aula utilizadas eram também emprestadas de escolas estaduais durante o período noturno, e assim nossos recursos se limitavam ao giz e quadro-negro.

Quando comecei a dar aquelas aulas, estava bastante nervosa e insegura. À medida que o tempo passava, fui ganhando confiança e também criando laços de amizade com os alunos e alunas, o que me trouxe grande realização pessoal. Entretanto, apesar do grande esforço de todos os professores, os alunos e alunas obtinham notas muito baixas nos simulados⁹. Isto se refletia principalmente em seus escritos nas redações e questões abertas, que escancaravam a imensa

⁸.A ELETROSUL Centrais Elétricas S.A. é uma empresa subsidiária de Centrais Elétricas do Brasil S.A.-ELETROBRÁS, vinculada ao Ministério de Minas e Energia. Disponível em: <http://www.eletrosul.gov.br/>

⁹.Simulados são provas que utilizam o mesmo modelo e conteúdo das provas vestibulares, com o intuito de preparar os estudantes para esse exame.

dificuldade de expressão de idéias através da escrita, com muitos erros de português, além da dificuldade de relacionar e compreender questões mais complexas, como aquecimento global (um dos temas das questões abertas). Todos nós que constituímos esse curso sabíamos que aqueles estudantes não eram só estudantes: eram pessoas retomando os estudos, que chegavam às aulas depois de uma longa jornada de trabalho, sem tempo para estudar em casa e ainda com graves dificuldades acumuladas desde o início de sua escolarização. Mesmo assim o que eles encontravam eram aulas *diretivas* em que “a narração, de que o educador é sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Dessa maneira, a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante” (FREIRE, 2005). Diante dessa situação, eu me questionava como poderia ultrapassar a mera transmissão de conteúdos escolares, totalmente descolados da vida desses alunos e alunas.

Não havia nas aulas espaço para aprofundar os questionamentos que surgiam, de ouvir o que eles tinham a dizer, já que na tentativa de dar o maior número de informações com a necessidade imaginária que eu sentia de vencer o conteúdo (não tínhamos nenhuma obrigatoriedade ou cobrança de passar ou finalizar qualquer conteúdo), acabava sempre correndo, com pressa, sem tempo. Larrosa (2002) lembra que “em educação estamos sempre acelerados e nada nos acontece” (p. 23).

Para esse autor, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque requer um gesto de interrupção, gesto este impossível de ser feito por mim enquanto professora de um Pré-Vestibular:

(...) requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, (...) abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (LARROSA, 2002, p. 19).

Para Larrosa (2002), a partir do acontecimento é possível que o sujeito viva uma experiência. Essa experiência, porém, é singular, específica de cada sujeito, ou seja, mesmo que vivam os mesmos acontecimentos, a experiência não pode ser a mesma, já que esta surge não a partir do que acontece, mas do que *nos* acontece, nos toca ou nos passa, e nessa passagem nos forma e nos transforma. O autor ainda fala sobre o sujeito da experiência, que seria “algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível, que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas” (p.24). Assim, a luz que penetra pelo orifício da câmera fotográfica, que deixa vestígios em um material fotossensível, pareceu para mim uma maneira de promover encontros e acontecimentos que levassem a constituição de sujeitos em

experiência.

A partir disso, ampliamos as minhas intenções com a pesquisa que estava construindo: não só provocar deslocamentos do que era entendido como meio ambiente, mas também abrir espaços para atividades educativas que possibilitassem uma experiência significativa para os alunos. Nessa tentativa de permitir que a experiência acontecesse aos alunos e alunas do Pré-Vestibular, tornava-se ainda mais inviável para mim pensar em uma proposta de educação e meio ambiente conscientizadora, centrada em transmitir informações e ensinar comportamentos ecologicamente corretos, em que “o que se impõe (...) é escolher entre aquelas possibilidades de vida a nós oferecidas”(GODOY, 2007, p. 122), e não invenções de vida a partir de experiências singulares.

Partindo desses pensamentos, delimitei assim três perguntas como norteadoras da pesquisa:

Que imagens serão produzidas sobre o ambiente urbano pelos jovens do Pré-Vestibular Comunitário a partir do dispositivo criado?

Como fazer com que os alunos e alunas vivam uma experiência significativa para as suas vidas?

Que outros acontecimentos serão acionados a partir dos encontros proporcionados pelo dispositivo?

1.4. Os encontros, (des)encontros e (re)encontros metodológicos

Na busca de construir minha pesquisa, me deparei com diversos autores que me influenciaram, provocaram-me deslocamentos, reflexões e muitas (in) definições. A escolha do que ler e de como direcionar meus pensamentos não esteve presa a uma única linha de tradição ou de pensamento. Uma noção interessante que norteou minhas leituras foi a de Antropofagia Cultural, utilizada dentro de uma perspectiva de educação ambiental pós-moderna e antropofágica, em que se busca “inventar, recriar, imaginar, mestiçar, experimentar (...) comer, regurgitar e depois deglutir o que queremos – que achamos que nos interessa – e vomitar aquilo que não queremos – que no momentos não nos atrai”. (BARCELOS, 2004, p. 202). Resolvi utilizar essa perspectiva justamente por permitir movimentações teóricas e práticas, não ditando metodologias rígidas que cristalizam a ação e o pensamento do pesquisador. Além disso, a antropofagia já estava em curso em todo o processo de construção da pesquisa, já que fui “engolindo” e “digerindo” tudo aquilo que tomava contato a partir das amizades, dos meus interesses pessoais, das matérias que frequentei de áreas diferentes da minha, e claro, daqueles conhecimentos adquiridos durante a faculdade de Ciências Biológicas para então delinear que tipo de pesquisa gostaria de realizar.

Nesse processo de encontros com diversos professores e leituras, acabei tendo acesso à

dissertação de Mestrado do Prof. Guilherme Corrêa, intitulada “Oficinas: apontando territórios possíveis em educação”. Nesse trabalho, Guilherme Corrêa conta que ao longo de sua graduação se deparou com algumas das mesmas dificuldades enfrentadas por mim ao dar aulas no Pré-vestibular Comunitário. Ele lecionava Química no período noturno enquanto era estudante, e se frustrou com as seguidas tentativas de criar aulas que envolvessem mais a participação dos alunos. Até que uma experiência com a construção de câmeras *pinholes*¹⁰ apontou um caminho interessante para atividades educativas: alguns alunos e algumas alunas passaram a se reunir todos os sábados juntamente com ele para confeccionar as câmeras e tirar fotografias, e esses encontros aconteciam totalmente desvinculados de qualquer atividade escolar, dependendo apenas do desejo daqueles indivíduos de aprender sobre fotografia e química. Era exatamente isso que eu gostaria de promover entre meus pesquisados, a constituição de um grupo que estivesse interessado em produzir e olhar fotografias e que permanecesse unido por mais tempo que apenas algumas horas em um único dia. Pensei assim em planejar uma oficina, que tivesse quatro encontros de duração, já que ao decidir convidar os alunos do pré-vestibular para participarem das atividades que estava promovendo, meus interesses de pesquisa se ampliaram.

Assim, decidi construir uma oficina de fotografia e ambiente que ocorresse no centro da cidade de Florianópolis. Segundo Corrêa (1998), a decisão sobre o tema da oficina fica a cargo do oficinairo, que reúne materiais, estuda o tema e cria estratégias para poder dizer sobre ele. Essas estratégias inicialmente ficam concentradas naquelas propostas pelo oficinairo, mas quando as oficinas circulam por diferentes grupos vai “borrando seus contornos, até perdê-los, abrindo-se mais a intervenção dos outros” (p. 89). Minha intenção era que este processo também ocorresse ao longo dos quatro dias de oficina, ou seja, que com o passar dos encontros os participantes pudessem intervir cada vez nas atividades previstas e também propor outras que os interessassem. Acredito que essa intervenção se torna possível quando “participar não acontece como o resultado de uma obrigação, mas como a aceitação de um convite, ou como resultado de uma negociação entre partes hierarquicamente iguais.” (DIETRICH, 2006, p. 260).

A fotografia foi pensada para a oficina não só como um meio para atingir as concepções ou promover novos olhares, mas também para que suas técnicas, modos de produção e possibilidades artísticas estivessem em discussão e em aprendizagem, se isso interessasse ao grupo. Isto porque o oficinairo empresta para a tecedura da oficina seus gostos, seus passatempos, estando mais ligado

¹⁰Também conhecida como câmera estenopeica, a *pinhole* é um compartimento fechado sem luz (câmara escura) com um pequeno orifício feito geralmente com uma agulha (pin:agulha, hole:buraco). É um processo alternativo de se fazer fotografia sem usar equipamentos convencionais, através da construção de uma câmera artesanal em que é colocado um papel fotossensível ou filme fotográfico dentro da câmara escura e permitido a entrada de luz por um tempo determinado. Pode ser entendida como uma câmera fotográfica que não possui lentes, tendo apenas o furo que funciona como lente e diafragma fixo no lugar de uma objetiva.

ao que embeleza a sua vida do que o que precisa ser dito (CORRÊA, 1998)

Pretendi que essas oficinas não fossem apenas formas de que estas pessoas obtivessem conhecimentos que acumulei ao longo da faculdade, como aponta Guilherme Corrêa, mas também que esses não fossem negados a elas, caso esse fosse o seu desejo. Isso levando em conta que os encontros gerados na oficina também são encontros comigo e com os meus conhecimentos, assim como é com o conhecimento de todos que dela participam e a constroem. Como nos explica Guilherme Corrêa:

:

a oficina põe-se como um trabalho de formação de educadores, de pessoas capazes de criar situações de diálogo entre as pessoas interessadas pelo que está sendo proposto. O emprego dessas estratégias visa antes a quebra de hierarquias tanto entre saberes quanto entre pessoas, o que levaria a situações de educação não autoritárias. (1998, p. 87).

A proposta da oficina passava pelo desejo de que esta pudesse funcionar como uma oficina-dispositivo. Migliorin (2006) nos ensina que o dispositivo é uma “estratégia narrativa capaz de gerar um acontecimento na imagem e no mundo”, e que o que está sendo narrado é um efeito de encontros entre corpos colocados em contato por esse dispositivo. O acontecimento seria assim resultado destes encontros, em que uma “pluralidade de sentidos aflora, uma pluralidade de possibilidades para o sentido” (MIGLIORIN, 2006, p. 88), trazendo um desequilíbrio e uma perturbação da realidade que exige “reordenações, invenções e criações dos participantes do dispositivo” (p. 89). Colocar um dispositivo em funcionamento é introduzir “linhas ativadoras em um universo escolhido” (p.83), em que há um recorte de espaço, tempo e de indivíduos que estarão interagindo.

Na construção da oficina, tentei possibilitar a ocorrência de encontros múltiplos (com a fotografia, com o ambiente urbano, com o outro, humano ou não-humano), cujos efeitos não poderiam ser determinados por mim (ou pelo menos nunca totalmente determinados). A oficina-dispositivo transitou assim entre “um domínio total, através da estratégia criada, e uma grande falta de controle dos efeitos e eventuais acontecimentos” (p. 83). Dentro dessa compreensão, abre-se o espaço para os imprevistos, para que a idéia inicial de simplesmente discutir o meio ambiente seja ultrapassada pelos e no contato com os sujeitos. A oficina assim, por mais que tenha sido construída e pensada por um ministrante ou oficineiro, não pretendeu limitar as possibilidades de outras experiências que esta pudesse proporcionar.

A leitura da tese de Alik Wunder (2008) trouxe importantes reflexões sobre como olhar para

as imagens produzidas durante a oficina. Interessada inicialmente em perguntar sobre os sentidos de escola expressos e produzidos em fotografias escolares, a autora identificou uma tensão entre esses dois verbos. Segundo ela “o expressar dava uma potência à fotografia como linguagem comunicadora de certas perspectivas” (WUNDER, 2008, p. 15), enquanto que produzir trazia “uma assumpção de que a fotografia não é só um discurso que comunica, uma expressão de visões (...), mas que também contém uma potência produtora” (idem). A potência que a autora observava não era a estabilização dada pela expressão de modos de ver, mas sim compreender os sentidos como em constante escape e mutação, sentidos que não se fixam.

Assim, a autora não busca compreender quais os sentidos e as intencionalidades que estão em jogo em cada uma das fotografias que analisa, mas aponta “o fotografar, o olhar fotografias e o pensar por meio delas como acontecimentos imbricados nos sentidos previstos e retidos, e nos sentidos que esvaem nos diferentes encontros com imagens” (p. 71), entendendo que “o acontecimento é o próprio sentido” (Deleuze, 2003, p.23 *apud* Wunder, 2008, p.69). Dessa forma, a proposta de Alik Wunder abre outras possibilidades para a compreensão e a análise do que se passa durante a oficina, dando mais importância aos próprios acontecimentos do que aos sentidos que são compreendidos a partir dela.

Assim, ainda mantive meus desejos iniciais de compreender os sentidos e as concepções que são apresentadas pelos participantes em relação às suas fotografias e às do outro, ou ao olhar outras imagens, porém com essa influência eu me colocava mais próxima desse entre-lugar, em que é possível ampliar e não restringir as possibilidades de proposta de atividades e análise posterior da oficina.

2. Os múltiplos encontros da oficina-dispositivo

A oficina foi então construída com o intuito de que pudesse funcionar como um dispositivo, sendo planejada por mim e discutida com meu orientador e com outros membros do TECENDO. O planejamento de forma alguma buscou ser definitivo, sendo apenas um roteiro que traçou linhas gerais para o desenvolvimento da oficina. Como propõe Barcelos (2007), é preciso “aceitar o desafio pós-moderno de fazer o mapa durante o caminho” e de “partir para o mar revolto (...) apenas com um rascunho em mãos” (p. 144). Assim, a programação foi produzida para ser desconstruída, devorada, digerida, (des)apropriada, transformada enquanto acontecia, enquanto era vivida pelos participantes.

Para que as saídas fotográficas pudessem ser realizadas no centro da cidade, conseguimos

com o auxílio do Prof. Jorge Alexandre Nogared Cardoso ¹¹, reservar uma sala em um prédio da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL)¹², que fica localizado na Rua Padre Roma, no centro da cidade, bastante próximo das principais ruas de grande movimentação de pessoas e comércio. As reservas foram feitas para quatro sábados, começando em 18 de outubro e terminando no dia 8 de novembro.

Conversei com professores e com a coordenadora do Pré-Vestibular, e a proposta foi muito bem recebida. Alguns professores me ofereceram momentos de suas aulas se eu tivesse interesse de falar sobre as oficinas. Eles também me informaram que o melhor dia para a realização das atividades seria aos sábados pela manhã, já que os jovens e adultos trabalhavam ao longo da semana e sábados à tarde aconteciam “aulões”¹³ que duravam a tarde inteira. Dessa maneira, a oficina ocorreria ou em um momento que alguns ainda trabalhavam, impossibilitando a participação na oficina, ou em um dos poucos momentos de descanso que estes jovens teriam. Já ficava claro que esta deveria realmente interessar àqueles que aceitassem participar, pois seria um grande esforço da parte deles. Assim, como forma de também dar algum retorno àqueles que quisessem participar, criamos a partir do TECENDO um Projeto de extensão através da Universidade Federal de Santa Catarina intitulado “Fotografia e Ambiente: Imagens do Urbano”, para que certificados pudessem ser entregues ao final da atividade.

Para que os alunos e alunas fossem convidados a participar, a divulgação aconteceu através da confecção de um cartaz construído a partir da pintura do artista Eric Drooker¹⁴ (ANEXO 1), contendo algumas atividades que seriam realizadas e informações pertinentes, além de dois pré-requisitos: possuir uma máquina fotográfica ou celular com câmera e comparecer aos quatro dias de atividades. Os cartazes foram colados por mim em três núcleos do Cursinho, um localizado no centro de Florianópolis, e outros dois no continente¹⁵, um no bairro Estreito e outro ainda no bairro Capoeiras. Ao visitá-los, eu utilizava alguns minutos das aulas dos professores e fazia o convite pessoalmente, tirando alguma dúvida que surgisse e esclarecendo que se alguém não possuísse câmera fotográfica deveria falar comigo para que eu providenciasse. Sempre deixava claro que a oficina estava aberta aos interesses deles, e que poderíamos construir juntos outras atividades não

¹¹ Prof. Jorge Alexandre Nogared Cardoso, coordenador do Curso de Pedagogia da UNISUL. Graduado em Licenciatura em Ciências Biológicas e Mestre em Educação, Teoria e Prática Pedagógica, ambos na Universidade Federal de Santa Catarina.

¹² A UNISUL foi criada em 1964, sendo uma Universidade Comunitária, sem fins lucrativos. Possui quatro Campi instalados nos municípios de Tubarão, Araranguá (1992), Palhoça (1996) e Florianópolis (2002), com unidades em várias cidades de sua área de abrangência. Disponível em <http://www.unisul.br>

¹³ Aulões são aulas com maior tempo de duração e que acontecem geralmente fora dos horários regulares de aula, com o intuito de abordar questões daquela disciplina que preparem o aluno para o exame vestibular.

¹⁴ Eric Drooker nasceu em 1958 em Nova Iorque (EUA) é cartunista, artista gráfico e escultorista. Disponibiliza em seu site www.drooker.com todo o seu trabalho para ser divulgado.

¹⁵ Continente é a forma popular de denominar a parte continental do município de Florianópolis.

previstas.

Nos intervalos das aulas eu fazia as inscrições dos interessados, anotando nome, endereço, telefone e núcleo onde estudava. Muitos diziam que gostariam de participar, mas que com a proximidade do Vestibular e ainda mais o trabalho que quase sempre também acontecia aos sábados, não poderiam se comprometer.

Ainda assim, no núcleo do Centro duas pessoas se inscreveram, Paula e Edna. Edna disse que gostaria muito que seu primo Lúcio também pudesse participar, pois os dois gostavam de sair para fotografar juntos. Lúcio não estava matriculado no Pré-Vestibular, mas pedi para que seus dados fossem enviados para meu e-mail, e ele também foi inscrito nas oficinas. No núcleo de Capoeiras outras duas pessoas se inscreveram e no Estreito mais dez pessoas o fizeram, totalizando 15 inscritos. No Estreito, alguns alunos me procuraram para que a oficina acontecesse no domingo, pois muitos trabalhavam aos sábados, chegando a criar uma lista de espera caso eu aceitasse ministrar duas oficinas ao mesmo tempo.

Com o número de pessoas estabelecido, iniciei o planejamento das oficinas juntamente com as colegas do TECENDO e com meu orientador. Como ficou estabelecido nessas conversas e reuniões, as oficinas não foram gravadas, e o registro destas foi feito através de um relato escrito por mim, tecido logo após cada encontro, com o intuito de registrar as falas e momentos que eu considere mais interessantes às propostas da pesquisa. Sendo assim, o relato não é neutro e objetivo, porém esse nunca foi o intuito desse trabalho. Esses relatos são narrativas que criei a partir das minhas memórias de cada encontro, e permeadas pela minha própria subjetividade. Além disso, transcrever integralmente uma oficina com duração de 12 horas resultaria em um registro extremamente longo e com informações que não interessariam tão diretamente aos interesses de pesquisa, assim foram incluídos recortes mais relacionados às discussões que eu gostaria de realizar. É importante lembrar que os nomes dos participantes foram modificados quando citados no relato e no texto final do TCC, com o intuito de preservar o anonimato dos mesmos.

Duas colegas do TECENDO, Anna¹⁶ e Júlia¹⁷ acompanharam as atividades e também fizeram algumas anotações durante os encontros, porém todo o relato foi escrito por mim. Elas não participaram apenas como registradoras de instantes, mas sim ativamente tanto na proposição de atividades e montagem de materiais quanto na interação com os participantes.

Escolhi não anexar ao trabalho o relato completo que construí, mas a partir dele teço agora uma narrativa buscando ressaltar os eventos que considere mais importantes de cada um dos dias

¹⁶ Anna Pontbriand Vieira era na época acadêmica do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Atualmente cursa Artes Visuais na Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC).

¹⁷ Julia Schadeck Locatelli é acadêmica do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

de oficina. Busco entremear o planejamento feito anteriormente aos encontros com o que foi realizado, apontando os momentos que considere mais importantes.

2.1. Primeiro encontro



Na semana que antecedeu o primeiro sábado de oficina, a chuva não parava de cair. Na sexta-feira recebi e-mails de duas inscritas desejando saber se mesmo com aquele tempo chuvoso a oficina aconteceria. Para agravar a situação, elas relatavam que dois professores marcaram um “aulão” extra de Física e Química naquele mesmo sábado de manhã, e que elas não gostariam de faltar. A oficina não podia ser cancelada, já que tínhamos reservas das salas da UNISUL. Resolvi então manter as datas inicialmente divulgadas, mas apenas 7 inscritos compareceram a esse primeiro dia.

Logo no início da manhã, os participantes foram separados em duplas por números. Pedi para que cada dupla conversasse e se conhecesse melhor, e que após essa conversa cada um contasse para o restante dos participantes o que descobriu sobre o outro, não somente por palavras, mas também por uma fotografia. Esta poderia ser de alguma parte do corpo, algum objeto, paisagem ou situação que pudesse dizer algo sobre o colega. As conversas foram longas, e nas apresentações surgiram diversas imagens: olhos verdes bonitos, um rosto meigo, um rosto de uma pessoa que é transparente, alargador de orelha e fone de ouvido de quem vai prestar vestibular para Música, mãos que manipulam medicamentos e que querem cursar Química, a simpatia transmitida pelas covinhas do rosto, uma cabeça que vai ser muito usada no curso de Matemática, um cachecol típico de quem quer fazer Artes Cênicas, entre tantos outros detalhes compartilhados e comentados por cada um.

Após esse primeiro momento de apresentação, perguntei a eles o que foi necessário para fotografar o colega. Essa pergunta acompanhada pela exposição da frase de José Saramago (1995): “Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara”, pretendeu suscitar pensamentos sobre o ato de fotografar, buscando incentivar um olhar atento, reflexivo quando fotografassem.

Seguiu a essa atividade a primeira saída fotográfica com o tema “Meio Ambiente”, que teve a duração de uma hora. Os participantes foram convidados a fazer o percurso que desejassem,

saindo do prédio da UNISUL no centro de Florianópolis, podendo tirar quantas fotos quisessem. Nessa primeira saída fotográfica, os participantes não foram acompanhados por mim ou por qualquer outro ministrante, com a intenção de promover o que Zanella (2006) considera como um dispositivo importante de ruptura com tudo aquilo que enquadra, resguarda, restringe: o *passeio*. Entende-se por passeio não qualquer saída, mas “passeios estéticos a lugares variados, próximos e distantes, (...) a olhares direcionados para aqui e para acolá, que possam apreender o que está logo ali, mas que somente se mostra aos que sobre ele se debruçam, ligeira ou vagorosamente.” (p. 147). Assim, minha intenção não foi direcionar os locais que este passeio alcançaria, mas deixar que cada um ou o grupo tomasse o caminho que considerasse mais interessante.

No retorno da saída, cada um reviu suas fotos na tela dos notebooks levados por mim e pela Anna, e escolheu duas que tivesse o interesse de legendar ou escrever mais sobre o que pensou ou sentiu ao produzir as imagens ou ao olhar para elas. Duas participantes (Fernanda e Heloísa) não retornaram após a saída, pois tentariam ainda assistir ao “aulão” que estava acontecendo no mesmo horário. Os que voltaram estavam empolgados, contando sobre os percursos tomados, o que tinham encontrado e escolhido fotografar. Eles contaram que se separaram em dois grupos, mas que acabaram se encontrando no mesmo destino final: o Parque da Luz (Fig. 1).

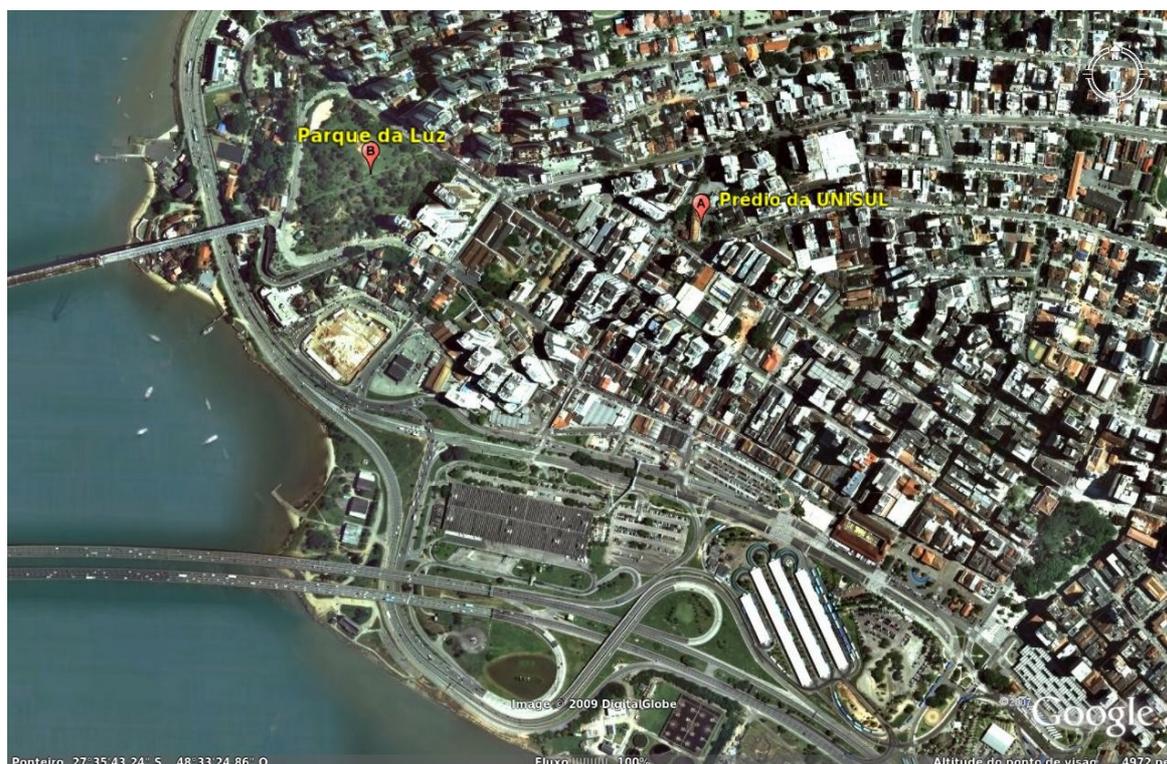


Fig. 1 – Vista do centro da cidade de Florianópolis, com detalhe para o local da oficina (Prédio da Unisul) e para o Parque da Luz.

Este Parque é uma área verde urbana de lazer (AVL), que fica na cabeceira insular da Ponte

Hercílio Luz, com total de 37,5 hectares.¹⁸ É uma área mantida por uma ONG, a Associação dos amigos do Parque da Luz, que plantou ali várias espécies de árvores e busca maior infra-estrutura para o Parque, como a colocação de iluminação pública, construção de ciclovias, implementação de atividades de recreação e educação ambiental. Eu desconhecia a presença dessa área verde no centro da cidade, e a ida de todos para esse local foi uma situação inesperada.

A primeira saída resultou em uma grande quantidade de imagens tiradas pelos participantes, principalmente por Mariana que sozinha produziu mais de 100 fotografias, totalizando 250 imagens em todo o grupo. Comentei que se quisessem poderiam compartilhar textos ou imagens produzidas fora da oficina por e-mail, diretamente comigo, ou também pessoalmente para os colegas no próximo encontro.

O tempo restante dessa manhã foi aproveitado para ler, tirar dúvidas e assinar os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO II). Os menores de idade levaram o documento para ser assinado pelos seus responsáveis.

2.2. Segundo encontro



Ao longo da semana que antecedeu o segundo encontro revelei as duas fotos escolhidas por cada um dos participantes, exceto as de Fernanda e Heloísa que não me entregaram as suas imagens. Minha idéia inicial era trabalhar apenas com essas duas imagens na oficina, sendo que cada pessoa comentaria apenas uma foto sua e escolheria outra de um colega para comentar. Com isso, pretendia promover encontros e enfrentamentos com a visão do outro, entre diferentes recortes feitos do que seria o meio ambiente. Porém todas as imagens escolhidas tinham sido tiradas no Parque da Luz, e apresentavam o meio ambiente de uma forma bastante naturalizada. Resolvi então selecionar algumas imagens não escolhidas por eles, principalmente aquelas que aparentemente “não tinham nada a ver” com meio ambiente. Pensei em usar as fotos destoantes daquilo que para eles tinha “tudo a ver” como forma de problematizar os conceitos de meio ambiente que circulavam por aquele grupo. Além disso, também para possibilitar a abertura de espaços que poderiam levar a outras discussões não planejadas, aproveitando tantos olhares registrados em imagem que seriam

¹⁸ Informações retiradas de documentos da Associação dos Amigos do Parque da Luz (AAPL).

simplesmente ignorados se apenas duas fotografias de cada pessoa fossem compartilhadas com os outros e comentadas na oficina.

Escolhi então fotos que mostravam elementos que poderiam ser considerados por eles como externos ao meio ambiente, como pessoas, prédios, carros. Também tentei construir um conjunto de imagens que mostrasse a maior variedade possível de elementos e sujeitos, assim fotos que traziam novidades e singularidades em relação ao conjunto escolhido de imagens foram acrescentadas. Esses diferenciais poderiam ser, por exemplo, o pé de Mariana, um carro em movimento, Lúcio e Edna andando na rua debaixo do guarda-chuva, um pássaro, fotos de rua, de muros e calçadas. Levando em consideração que a oficina também era sobre fotografia, procurei imagens que trouxessem enquadramentos, composições e cores interessantes, além de ângulos, focalizações e perspectivas diferenciadas para levar também a uma discussão sobre fotografia.

Jaqueline entrou em contato comigo avisando que não poderia mais participar da oficina porque tinha começado a trabalhar aos sábados. Ela estava bastante chateada, principalmente porque quer cursar Biologia e estava interessada na temática da oficina. Ela ainda enviou algumas fotografias do local onde morava, utilizando também o tema meio ambiente para nortear as suas imagens, como forma de continuar participando das atividades.

Assim, no sábado de manhã compareceram ao encontro Lúcio, Edna, Patrícia e Fernanda. Esta última fez uma rápida saída fotográfica nas proximidades do prédio da Unisul, já que não tinha fotografado no encontro passado, o que resultou em imagens escolhidas diferenciadas e com mais elementos urbanos daquelas tiradas no Parque da Luz.

Pedi para que cada um legendasse ou escrevesse sobre as suas fotos. Essas legendas e imagens foram coladas em papel cartão e esses materiais foram expostos na sala de aula pendurados em um barbante. Para a confecção desse material, disponibilizei canetas, canetinhas, lápis de cor, papel cartão preto e branco, sulfite, possibilitando que cada um criasse uma forma própria de apresentar essas produções aos outros, usando sua própria criatividade e inventividade. Anna também acrescentou uma fotografia que tinha tirado no encontro passado enquanto aguardava a volta dos participantes, que mostrava uma escada que sobrou de uma demolição.

Com a exposição montada, cada um comentou um pouco sobre as suas imagens e legendas. Estes de uma forma geral apresentavam a natureza como bela, que precisa ser preservada e cuidada pelos humanos. A fotografia de Anna destoava das outras e causou surpresa entre o grupo, gerando algumas dúvidas se o meio ambiente estava bem “representado” naquelas imagens escolhidas por eles. A partir dos materiais produzidos, eu e Anna questionávamos sobre as intenções de cada imagem, presenças ou ausências de elementos urbanos, o que fazia parte ou não do meio ambiente. Essa problematização tentou, na medida do possível, contemplar alguns pontos como: dicotomias

cultura e natureza, cidade (artificial) e florestas (natural), presença ou ausência do ser humano na natureza, se as nossas cidades também são ambientes, se todas essas separações são naturais, “reais” ou construídas. Assim, os questionamentos que fazíamos tinham a intenção de desestabilizar a idéia de meio ambiente como sinônimo de natureza, direcionávamos a conversa para que isto fosse possível e assim colocávamos que meio ambiente era algo mais amplo.

Após essa primeira conversa, peguei as outras fotos reveladas e comecei a distribuí-las em uma manta colocada no chão. O surgimento dessas imagens trouxe grande surpresa, principalmente quando eles mesmos apareciam posando para as fotos. Eles comentavam cada uma delas, riam, lembravam de algum momento, e ficaram muito mais à vontade. No início tentavam me explicar que as fotos não tinham “nada a ver” com retratar o meio ambiente, que eles as tiraram como lembrança do passeio. Mas logo estávamos falando sobre as fotos que eles apontavam, que chamava a atenção deles, uma conversa que fluiu com uma facilidade muito maior que no primeiro momento, já que abriu espaço para muitas outras possibilidades do que poderia ser dito, não os prendendo a concepções sobre o meio ambiente. Ao final da atividade disponibilizei um papel pardo em que os participantes puderam desenhar, pintar e escrever sobre as discussões que tivemos naquela manhã, principalmente sobre o que era afinal o meio ambiente.

Enquanto desenhavam mostrei a eles um álbum artesanal de fotografias feito por Francisco, pensando em como eles poderiam guardar as imagens que produzissem na oficina. Algumas dessas imagens eram feitas com câmeras pinhole, as mesmas câmeras artesanais citadas por Guilherme Corrêa em sua dissertação, que utilizam um papel fotográfico para registro da imagem. Levei a lata usada para fazer as imagens, e quando contei que se tratava de uma câmera fotográfica eles nem podiam acreditar. A euforia foi tão grande que não pude deixar de fora a utilização dessas câmeras também nesses nossos encontros. No meu planejamento tinha desconsiderado usar essa técnica pois não possuía uma sala escura, nem recursos para compra do papel fotográfico e dos químicos para revelação. Mas enquanto falava com eles me lembrei da possibilidade de construir essas câmeras com o uso de filme fotográfico convencional que nós poderíamos mandar revelar. Prometi buscar durante a semana uma maneira de fazer essas câmeras, e ficamos ainda durante algum tempo conversando sobre a oficina e sobre fotografia.

2.3. Terceiro Encontro

No terceiro dia de oficina, ao adentrarem a sala os participantes encontraram uma exposição montada. Essa exposição não teve uma intenção direta de discutir sobre o conceito de meio ambiente, e sim de expor materiais fotográficos diversos, principalmente aqueles feitos por

fotógrafos conhecidos, como Henri Cartier-Bresson¹⁹ e André Kertész²⁰. Também inclui fotografias de outros autores que acrescentavam singularidades ao conjunto, compondo uma variedade que elementos interessantes, como ângulos, cores fortes ou em preto e branco, a surpresa e o inesperado nas fotografias, o humor, ou imagens que convidassem à reflexão. Tentamos posicioná-las em alturas diferentes, algumas bem no alto da sala, outras próximas ao chão. Isso por causa dos nossos comentários sobre a necessidade de se movimentar muito e encontrar diferentes posições e ângulos para fotografar. O filme *Koyaanisqatsi*²¹ também compôs a exposição, sendo projetado em uma das paredes da sala. É um documentário lançado em 1983, com direção de Godfrey Reggio, que possui uma trilha sonora marcante, mas nenhuma narração ou diálogo. Sendo assim, é um conjunto de imagens em movimento, onde são apresentadas cenas em paisagens naturais e urbanas, muitas delas com a velocidade de exibição alterada, criando juntamente com a trilha sonora uma idéia diferente de passagem do tempo. O título *koyaanisqatsi* quer dizer "vida desequilibrada", ou "vida louca". Pensei que este filme poderia gerar discussões sobre as grandes cidades, a sua relação com o tempo (geralmente acelerado no filme) e a atividade ou inatividade dos habitantes dessas cidades.

Essa atividade pretendeu promover um tempo de parar para observar as diversas produções artísticas, com o intuito de libertar-se das explicações das intenções do fotógrafo ou de como o meio ambiente estava retratado. Foi pensado como um exercício de lentidão, de silêncio e de observação, inspirado no conceito de *punctum*²² de Roland Barthes (1984), apresentado na passagem de Wunder (2008), em que “este escreve sobre o pensar por fotografias deixando-se levar pelos impulsos do *punctum*, que parte da cena, como uma flecha, que vem e transpassa. O pensamento também como força que fere, não marcado somente pelo desejo do observador, mas pelo encontro inesperado com uma fotografia.” (p.17).

Além disso, o encontro com essas imagens foi pensado para ampliar as possibilidades de criação de imagens fotográficas, já que possivelmente traziam diferentes ângulos, cores, temáticas e sujeitos em relação àqueles que os participantes estavam acostumados a produzir e a observar.

Sem dúvida a exposição causou um certo estranhamento nos participantes, já que do segundo dia para o terceiro houve uma mudança nos objetivos de nossas atividades. Mesmo assim, conversamos um pouco sobre as imagens, e pedi para que cada um escolhesse uma em específico que tivesse chamado a atenção e comentasse um pouco sobre ela. Estavam presentes Lúcio, Edna,

¹⁹ O francês Henri Cartier-Bresson (1908-2004) foi um dos mais importantes fotógrafos do século XX, considerado por muitos como o pai do fotojornalismo. Mais informações sobre o artista em <http://www.henricartierbresson.org>

²⁰ Fotógrafo norte-americano de origem húngara, André Kertész (1894 - 1985) foi um dos mais originais fotógrafos do século XX, criando composições inesperadas de situações cotidianas. Mais informações e imagens do artista em http://www.artphotogallery.org/02/artphotogallery/photographers/andre_kertesz_02.html

²¹ REGGIO, Godfrey. *Koyaanisqatsi*. USA, 1983, 87 minutos.

²² Conceito que será retomado nos próximos capítulos.

Paula e Mariana, que não veio ao segundo encontro. Fernanda, por sua vez, não veio ao terceiro dia. Anna, Júlia e eu também falamos sobre as fotografias que achamos mais interessantes. Surgiram alguns comentários, mas a conversa não foi muito longa, então resolvi mostrar a eles a câmera pinhole que havia trazido.

Durante a semana pedi ajuda para Francisco me auxiliar na pesquisa para a construção das pinholes, já que ele possuía mais experiência. Primeiro tentamos construí-las com caixas de fósforo grandes, mas o filme nem sempre rodava como o esperado, e desistimos dessa primeira tentativa. Pesquisamos na Internet e encontramos um vídeo e mais tarde instruções para fazer uma câmera com caixa de suco. Esta parecia bem mais simples, e usava palitos de sorvete e elástico para o mecanismo de rolamento do filme. As primeiras fotos que tiramos ficaram muito claras, mas só consegui revelar um filme para teste. Assim, ao mostrar a câmera para os participantes, eu também não tinha instruções precisas de qual seria o melhor tempo de exposição ou se a construção naquele formato daria os melhores resultados. Mesmo assim fizemos uma pequena saída fotográfica nos arredores do prédio usando nossas máquinas artesanais. As câmeras ficaram com eles durante toda a semana, e revelamos os filmes apenas no quarto encontro.

Por último fiz um último convite aos participantes para o último dia de oficina. Conversei com eles sobre a possibilidade de fazermos uma atividade no centro da cidade inspirada na idéia de intervenção urbana. Segundo Barja (2008), intervenção urbana é um termo utilizado para definir manifestações artísticas geralmente localizadas a céu aberto e no centro de grandes metrópoles. Intervir seria interagir, causar reações diretas ou indiretas, em síntese, tornar uma obra inter relacional com o seu meio. Existem intervenções urbanas de vários portes, indo desde pequenas inserções através de adesivos (*stickers*) até grandes instalações artísticas realizadas em espaço público.

Meu intuito com essa atividade não foi resumir todas as discussões tidas durante a oficina, nem acreditava que esta conseguisse abranger todas as questões sócioambientais, políticas, culturais envolvidas na cidade, ou se esta era a melhor forma de transformá-la. Minha ideia era mais singela: ver a cidade como um espaço de experimentação. Nas palavras de Peixoto (2002), intervir na cidade “trata-se de lidar com o indeterminado, o que escapa, o que não tem medida. (...) Não se detém por completo o controle das condições nem as consequências das ações ali realizadas. Na metrópole toda a intervenção é pontual, sem pretender abranger o todo.” (PEIXOTO, 2002, p. 12). Assim, a intervenção como algo pontual não teve grandes pretensões de transformações sociais e ambientais, mas desejou constituir-se em um campo de criação e expressão dos participantes no ambiente urbano.

Para trazer essa proposta para a oficina, utilizei algumas imagens de intervenções que

pudessem ser inspiradoras para a construção da nossa proposta. Selecionei alguns artistas que tivessem relação com arte e ambiente urbano ou que trouxessem algumas reflexões sobre cidade e natureza. Uma destas intervenções foi aquela realizada pelo fotógrafo Tom Lisboa, chamada Polaróides (In) visíveis²³. O artista cria e espalha pela cidade o que chama de polaróides, que são pedaços de papel sulfite amarelo sem nenhuma imagem. No lugar da imagem, Lisboa descreve enquadramentos quase ocultos do espaço urbano que serão revelados pelo espectador que seguir as orientações dos textos contidos em cada obra e buscar a imagem ou situação descrita. Essa intervenção poderia incentivar os participantes a “perambular pela cidade em busca da experiência” (MATTES & CHEREM, 2009, p. 3) e terem seus olhares deslocados, já que “deslocamento parece ser uma palavra importante nesta intervenção: do artista, do olhar do espectador, do fazer fotográfico e da visibilidade muitas vezes estacionada que temos do local em que habitamos” (LISBOA, 2009, p.1).

Outra intervenção trazida por mim foi da fotógrafa e zoóloga inglesa Anna Hillman, chamada Guerrilla Graphics²⁴. A artista, segundo descrição do seu site, escreve pelas ruas, calçadas e muros mensagens que questionam, sugerem ou simplesmente destacam alguma coisa sobre o ambiente imediato, para compartilhar o que foi descoberto com os outros que podem passar pelo mesmo local mais tarde. Do coletivo Poro²⁵ de Belo Horizonte utilizei a intervenção urbana Jardim, em que estes produzem flores de celofane e plantam em canteiros abandonados da cidade.

A partir da minha apresentação, surgiram idéias sobre o que poderíamos fazer. Mariana pensou que poderíamos nos vestir de uma forma diferente, que chamasse atenção. Pensamos então em fazer camisetas com frases e desenhos, e pensei em utilizar stencil²⁶ para transpor as imagens que eles produziram da cidade em estampas para as camisetas. Escrever com giz pela cidade como a fotógrafa Anna Hillman e fazer as flores como as do coletivo do Poro também foram idéias que eles gostariam de executar. Edna sugeriu que ficássemos também durante a tarde no próximo encontro, realizando as intervenções pela cidade e a última saída fotográfica. Cada um traria materiais que auxiliassem na construção das intervenções, e também tentaríamos fazer um piquenique como uma confraternização final da oficina.

²³ Informações sobre o artista e este e outros de seis trabalhos, acessar o site www.sintomnizado.com.br

²⁴ O site da artista www.annahillman.com contém imagens e outras informações sobre estas e outras intervenções urbanas.

²⁵ O Poro - interferências em arte é de Belo Horizonte, Brasil. Formado pela dupla Brígida Campbell e Marcelo Terça-Nada!, atua desde 2002 tendo como focos principais o espaço público, as manifestações efêmeras e as mídias de comunicação popular. Informações do site <http://poro.redezero.org/inicial.html>

²⁶ Um *stencil* é um desenho ou ilustração que representa um número, letra, símbolo tipográfico ou qualquer outra forma ou imagem figurativa ou abstrata, que possa ser delineada por corte ou perfuração em papel, papelão, metal ou outros materiais. O *stencil* obtido é usado para imprimir imagens sobre inúmeras superfícies, do cimento ao tecido de uma roupa.

2.4. Quarto encontro



No quarto dia pela manhã construímos todos os materiais necessários para as intervenções urbanas. Francisco e Anna auxiliaram com os stencils para as camisetas, e cada um fez a sua a partir das imagens e frases que achava mais interessante. Fizemos também as flores de papel celofane e de papel crepom, com folhas que traziam mensagens como “Cuida da sua cidade!” e Patrícia fez um cartaz para segurarmos enquanto caminhávamos.

Enquanto isso Júlia levou nossas fotos da câmera pinhole para revelar. Esperávamos ansiosos pelos resultados das imagens. Muitas ficaram apenas brancas, mas cada imagem que pudesse ser identificada foi comemorada, Lúcio tirou uma fotografia muito nítida de dentro da sala, o que nos deixou muito animados, pois nos mostrou que a câmera também podia obter esse tipo de resultado. Nesse último encontro pedi ainda que fotografassem o meio ambiente durante o percurso que fizéssemos, e novamente algumas fotos escolhidas seriam legendadas por eles.

Com tudo preparado, percorremos o centro fotografando, distribuindo as flores pelos canteiros da cidade, e escrevendo pelo centro com giz. Caminhamos todos juntos, mas paramos na praça XV e dali cada um pode dar uma volta sozinho. Encontramo-nos novamente e percorremos outras ruas próximas a esse local. Fizemos uma conversa final sobre nossa oficina antes de nos despedirmos. Todos disseram que gostaram muito de participar da pesquisa, o que me deixou muito feliz. Conversamos sobre o que cada um gostou mais: da pinhole, do stencil, de discutir sobre o meio ambiente. Não tivemos tempo de transferir as imagens para o computador, assim estas juntamente com as legendas foram enviadas para mim durante a semana por e-mail. Combinamos de nos encontrar ainda para piqueniques, viagens e mais saídas fotográficas.

2.5. Quinto encontro



Acordei no domingo de manhã com a mensagem desesperada de Edna: todas as suas fotos da última saída tinham desaparecido. Ficamos desoladas com a notícia, mas combinamos de fazer mais uma saída para tirar novas fotos no próximo sábado no mesmo horário da oficina. Neste quinto encontro estavam presentes apenas Francisco, Lúcio, Edna e eu. Nos encontramos na Praça XV e aproveitamos para reformar as pinholes e tirar novas fotografias também com elas. Ficamos quase toda a manhã na praça, conversando e construindo as máquinas, e depois caminhamos pelas ruas do centro fotografando o que achávamos interessante. Este último encontro foi muito importante, pois nos deu espaço para conversar sobre qualquer assunto e fazer o que quiséssemos, já que não estávamos presos a nenhuma programação prévia.

3. Tudo ver: “nada a ver”



Lúcio

Fig 2 - “O caminho entre os elementos da natureza entram em sintonia e nos levam à luz”



Edna

Fig. 4 - “Um caminho, um lugar, se és tão belo para que acabar?”



Mariana

Fig. 6 - **Mariana:** *Me lembrou um jardim. Tipo um jardim secreto, sabe aquele filme?*



Paula

Fig. 3 - “Não é preciso estar com um lindo dia de sol; para expor a sua beleza; faça chuva ou faça sol ela nunca perde a sua beleza”



Jaqueline

Fig. 5 – Imagem não legendada



Mariana

Fig. 7 – **Mariana:** *Gosto de flores, todas juntas. A união faz a força!*



Fernanda
Fig. 8 - "Vida. Cor. Limite"



Fernanda
Fig. 9 - "Convivência entre extremos"



Lúcio
Fig. 10



Paula
Fig. 11 - "Pedindo para cuidar de onde vivemos"



Paula
Fig. 12 - "Com os sinais, que a deixam mais bela ainda"



Lúcio
Fig. 13 - "A natureza é bela. Cuide dela"

Ao final da oficina e dos encontros que tive com os alunos e alunas do Pré-Vestibular, uma série de materiais se empilhava na minha mesa da sala e virtualmente nas várias pastas do meu computador. Mais de 700 imagens produzidas, páginas e páginas de relatos das falas e momentos interessantes, cartazes, stencils, camisetas. Empilhavam-se também as lembranças e sentimentos dentro de mim. Como falar sobre tudo isso em um trabalho de conclusão de curso?

Confesso que precisei de tempo para digerir e refletir sobre as experiências que vivemos juntos e poder voltar ao meu trabalho. Felizmente realizei essas atividades ainda durante o projeto, o que me deu a oportunidade de ter esse tempo de reflexão, e como consequência um olhar renovado (mas ainda impregnado dessas experiências) sobre tudo que *me aconteceu*, que *nos aconteceu*. Quantas surpresas em rever as imagens, reler as minhas narrativas, quantos reencontros e possibilidades de pensamentos. São esse pensamentos que busco compartilhar daqui pra frente, reconhecendo que estes não são verdades (nem pretendem ser), muito menos neutros. Tento com eles explicitar e falar sobre o que achei mais significativo nessa pesquisa, com a ajuda de alguns autores, retomando as perguntas que a nortearam e os caminhos que tomou durante a sua realização.

Início esse capítulo trazendo algumas imagens e legendas produzidas pelos participantes durante a oficina, principalmente a partir da primeira saída fotográfica que tinha como tema Meio Ambiente. Pretendi, como já dito, que osicineiros pudessem percorrer o centro da cidade construindo seus próprios caminhos, um passeio sem paradas ou trilhas pré-determinadas. No meu entender o centro da cidade era múltiplo, diversificado e permitiria que imagens também variadas fossem produzidas. Mas enquanto transferia as fotografias para o computador e anotava as imagens escolhidas por eles, via que a maioria delas mostrava uma mesma paisagem. Nas conversas com eles descobri que se tratava do Parque da Luz.

Franciele: *e todos vocês foram para o mesmo Parque?*

Edna: *a gente não estava junto, mas no final todos se encontraram no mesmo lugar.*

Franciele: *vocês já saíram daqui pensando em ir lá?*

Lúcio: *sim, quando você falou meio ambiente pensei na hora naquele Parque.*

Uma pergunta me intrigava: o que fez com que todos eles considerassem o Parque da Luz o melhor (e praticamente o único) lugar para produzir imagens sobre o Meio Ambiente? Como Lúcio mesmo enfatizou, a escolha não teve dúvidas, já que “na hora” ele pensou onde deveria ir.

Outra consideração marcante foi a feita por Edna logo após a primeira saída fotográfica, enquanto eu transferia suas imagens para o meu computador.

Edna: *Várias fotos não tem nada a ver*

Franciele: *Mas eu posso mesmo assim pegar todas?*

Edna: *Sim, claro. Mas algumas não tem nada a ver.*

Edna separou as imagens da saída fotográfica entre “nada a ver” e “tudo a ver” com o meio ambiente. O que a motivou a fazer essa divisão?

Para pensar sobre essa hegemonização de espaços em que é possível “achar” o meio ambiente e nessa divisão entre imagens tudo e nada a ver, é preciso levar em consideração que:

(...) as relações que cada pessoa estabelece com os outros, com a realidade e consigo mesmo são necessariamente relações mediadas pelos modos de ver o mundo, modos estes culturalmente instituídos e que carregam as marcas históricas de sua produção e dos muitos outros, presentes e ausentes, que os forjaram (ZANELLA, 2006).

Assim, dentro de uma cultura e momento histórico específico em que nos inserimos, existem algumas formas recorrentes de compreender o meio ambiente e as relações que estabelecemos com ele são influenciadas e constituídas por esses entendimentos e concepções que nos interpelam a todo momento. Wortmann (2004) nos ajuda a refletir sobre “a centralidade que a cultura tem na vida contemporânea – ela penetra em cada recanto da vida social, mediando tudo que nela acontece” (WORTMANN, 2004, p. 150).

Como discuti um pouco no capítulo 2, essas concepções recorrentes de meio ambiente geralmente o colocam como sinônimo de natureza. Isso pode ser observado no conjunto das imagens construídas por eles nesse primeiro dia (Fig. 2 a 7): o verde das plantas, as cores das flores, a quase ausência de marcações humanas. Todas essas fotografias tiradas em uma Área Verde, em uma Área de Preservação Permanente. As únicas fotos escolhidas produzidas fora do Parque da Luz foram as de Fernanda (Fig. 8 e 9), já que ela saiu mais cedo no primeiro dia para ir ao “aulão”. Como fotografou rapidamente enquanto os outros construíam os materiais para expor as fotos, Fernanda ficou mais próxima do Prédio da Unisul, o que pode ter ajudado no aparecimento de mais elementos urbanos em suas imagens. Entretanto, também escolheu para legendar uma imagem que mostra apenas uma flor (Fig. 8).

As legendas criadas reforçavam o que já estava presente nas imagens, mas traziam embutidas os discursos típicos da sensibilização e conscientização ambiental. Segundo Guido (2006), “a sensibilização dos indivíduos para as questões ambientais acontece de duas maneiras distintas: de um lado, por meio do medo de uma suposta revolta da natureza através de catástrofes ambientais e, de outro, a ênfase nas belezas da natureza intocada (p. 1)”. Essa primeira maneira está muito presente nas legendas, o desejo de ressaltar as belezas, as cores e a sintonia da natureza (Fig. 2, 3, 4 e 8). Na pergunta “por que acabar?” da legenda de Edna (Fig. 8) esta chama atenção para a

devastação da natureza.

Nas imagem de Fernanda em que uma planta cresce no muro (Fig. 9) aparecem não só elementos urbanos, mas também uma pessoa que passa ao fundo. Essa pode ser pensada como imagem-fuga em relação às outras, porém a legenda “Convivência entre extremos” já indica uma separação entre a cidade, a pessoa que passa e a planta. Sobre essa fotografia ela comenta:

Fernanda: *achei interessante e expressivo a planta crescendo no concreto, acho que ela representa o que acontece com a natureza na cidade. O espaço não é da cidade, é da natureza. A gente que ocupou. Ela (a planta) está se adaptando, se esquivando das barreiras da cidade.*

Fernanda fala de natureza e cidade como entidades separadas e em conflito. Quando pergunto a Edna sobre o prédio que aparece na sua imagem (Fig. 4), ela também marca essa separação:

Edna: *Não gostei do pedaço de prédio que apareceu ali atrás. Adoro fotografar a cidade, mas os dois (natureza e cidade) não vão juntos.*

Nas falas dos participantes, a cidade se relaciona muito mais à humanidade e com a cultura, enquanto que a natureza é aquela que sofre as consequências do crescimento urbano e da ação humana. Diante de tanta beleza que eles atribuíam à natureza pergunto aos participantes se há beleza também nas pessoas. Paula e Edna respondem que não.

Franciele: *qual vocês acham que é a relação das pessoas com a natureza?*

Edna: *as pessoas são muito ignorantes. Se elas estivessem preocupadas com a natureza, não destruiriam, veriam que a natureza favorece, traz sintonia, nos faz sentir bem.*

As relações entre as pessoas e a natureza aparecem constantemente como negativas. Quando falávamos sobre a possibilidade da humanidade transformar o ambiente, essa transformação também aparecia conectada a idéia de destruição. Porém quando eles mesmos ou pessoas próximas eram os sujeitos em relação com o meio ambiente, encontravam pontos positivos: Edna se sentia bem e em sintonia com a natureza, Paula contou sobre um conhecido que foi “para o meio do mato” e melhorou instantaneamente de uma doença, Lúcio gostava de andar de bicicleta para ficar em contato com o seu entorno.

Para Guido (2006), como resultado da já citada sensibilização ambiental que trata dos extremos beleza da natureza intocada e catástrofes ambientais, “a culpa da devastação da natureza recai sobre o homem, que destrói, que degrada, que polui a natureza, o que justifica a importância da ausência do homem para que a natureza seja preservada. A intocabilidade passa a ser considerada um padrão valorativo da natureza” (p. 1). A valorização da natureza intocada também aparece com frequência nas falas dos participantes. Durante as conversas que iam mudando da beleza da natureza para a devastação causada pela humanidade, Lúcio foi refletindo sobre as fotos

do meio ambiente tiradas no Parque da Luz, e comentou:

Lúcio: *a gente tirou fotos do parque. Mas o parque foi construído pelo homem, as plantas são exóticas, não é o que estava aqui antes do homem chegar. Para fotografar o meio ambiente de verdade teríamos que ir pra uma mata fechada e virgem.*

É importante considerar que a oficina sendo uma atividade de Educação Ambiental, ministrada por estudantes de Biologia, também parece ter acionado uma bagagem cultural nos participantes sobre o que geralmente é discutido e esperado como resultado nessas práticas. É possível que tenha existido uma antecipação destes em relação ao que era esperado por nós que ministrávamos a oficina, tentando dar as respostas que acreditavam que buscávamos. Foi curioso ver aparecer nas intervenções urbanas realizadas no quarto encontro a frase “Jogue lixo no lixo” (Fig. 10), já que esta nunca foi uma questão levantada durante a oficina, mas que obviamente é bastante comum nas práticas educativas sobre meio ambiente. Esses escritos de giz (Fig 11 e 12) foram inspirados nas sugestões de olhares que a artista Anna Hillman propõe para os detalhes da cidade e para a vida que nasce por todos os cantos nos espaçamentos urbanos. Porém alguns momentos da intervenção se transformaram em palavras de ordem que indicam comportamentos adequados para cidadãos ecologicamente corretos.

Essa antecipação pode também ter acontecido no momento da escrita das legendas, já que nestas era preciso explicitar o que queriam com cada uma das imagens que tinham escolhido. Eles demoraram muito tempo para construí-las, e estas acabaram ficando bastante similares. É interessante notar que mesmo nas imagens produzidas no último dia da oficina, após diversas discussões, as legendas continuam falando sobre a beleza da natureza e a importância de cuidar dela (Fig. 12 e 13). Com essa frase não quero dizer que esperava que os estudantes deixassem de pensar dessa maneira. Não acredito, como discutirei mais adiante, que eles tenham com a oficina abandonado os clichês sobre o meio ambiente, e também não era a minha intenção esvaziá-los dessas idéias e substituí-las por outras. O que pretendia era criar possibilidades que outras concepções e experimentações e criações sobre e no ambiente fossem possíveis. O que quero ressaltar é que principalmente na imagem de Lúcio (Fig. 12) que possibilita outros tantos dizeres, essa legenda não parece ser específica da foto, mas bastante genérica, servindo para qualquer imagem que se relacione com a natureza. Essa idéia de pedir para que legendassem as fotos me parece que dificultou pensamentos e escritas a partir das imagens, resultando na simples colocação de frases que se relacionavam com idéias gerais sobre a natureza.

Já nas imagens escolhidas de Mariana (Fig. 6 e 7) não foram escritas legendas para as fotos, mas sim comentários feitos ao olhar as imagens reveladas no terceiro dia de oficina. Como não pôde comparecer ao segundo encontro, pedi que ela falasse um pouco sobre suas fotografias. Nesse

encontro estávamos comentando as imagens da exposição de uma maneira mais subjetiva e despreocupada em discutir o conceito de meio ambiente. Da mesma forma, Mariana pode ter se sentindo à vontade para falar sobre o que gostou nas imagens e o que pensou na hora de produzi-las. Nas legendas do último dia de oficina, Edna também construiu um texto mais longo e subjetivo, contando um pouco das suas experiências e pensamentos a partir da produção das imagens, da discussão sobre o meio ambiente e da construção da câmera pinhole.

As naturalizações do conceito de meio ambiente já eram esperadas, já que há a presença das mediações nas nossas relações e entendimentos sobre este conceito. Porém o que me espantou foram as restrições impostas por esse entendimento. Restrições das possibilidades de criação de imagens e de legendas e principalmente de mobilidade nos espaçamentos urbanos. Não havia outro espaço que não fosse um parque urbano onde eles poderiam tirar fotografias com o tema Meio Ambiente. Segundo Godoy (2007), nas práticas e discursos de educação e meio ambiente que se relacionam com a conservação:

Busca-se classificar, regular e controlar sons, lugares, comportamentos, pensamento, corpos, ações e relações, reduzindo, de um lado, as possibilidades de experimentação da vida e do mundo, e de outro, reduzindo a ecologia a uma prática supostamente dada pela natureza. (GODOY, 2007, p. 124)

Essa redução das possibilidades de experimentação da vida pareceu para mim presente nessa primeira saída fotográfica e nas legendas construídas. Ver o meio ambiente era ignorar o “tudo” que poderia ser visto, sendo esse “tudo” as diversas possibilidades de percursos, imagens, passeios, escrita, enfim, das múltiplas relações que poderiam ser estabelecidas com o ambiente, com o outro, humano ou não-humano. Ao contrário de Edna, para quem ver o meio ambiente era “tudo a ver”, buscar o meio ambiente era quase nada ver. Quase nada criar. Quase nada experimentar.

Certamente vários fatores influenciaram as imagens e as legendas que foram produzidas na oficina, inclusive a minha presença. Dificilmente as práticas e discursos de Educação Ambiental estarão completamente ausentes dessas marcações tão presentes que versam sobre a conservação e preservação de ambientes naturais (e nem acredito que estas devam ser totalmente excluídas destes ou de outros espaços). Mas o que observei na oficina é que ao colocar Meio Ambiente como tema desta saída fotográfica, acionei um campo específico de significações, que explicitou os clichês, o recorrente, o já visto, o já ouvido e o já pensado. Esse aspecto do dispositivo que criei, fotografar o meio ambiente na cidade como primeiro passo para experimentar o ambiente de outras maneiras, acabou trazendo à tona os clichês sobre esse conceito que permearam constantemente a oficina. De qualquer forma, tentei nas nossas conversas trabalhar a partir desses clichês como forma de

problematizá-los e permitir outros pensamentos. Essa atitude trouxe discussões interessantes, porém as minhas falas e intervenções eram constantes. Em alguns momentos sentia que os caminhos da oficina estavam sendo determinados demais pela minha condução. Será que se esses clichês não tivessem sido explicitados pelo dispositivo estariam menos presentes ao longo dos nossos encontros?

Porém, a oficina-dispositivo não se limitava a discutir o conceito de meio ambiente, e aí configura-se outro campo de possibilidades.

4. Fugas

Entre esses dois pontos – a casa e a escola, os estudantes esquecem de ser estudantes e investem nos seus passeios. Ao longo do caminho, os meninos dobram esquinas desnecessárias, criam zonas de lentidão nos portões, inventam mundos. (GODOY, 2007, p. 127)

Começo esse capítulo com um trecho escrito por Ana Godoy com inspiração no conto Fugados de Lezama Lima²⁷. Esse sempre foi um texto que movia muito meus pensamentos: como permitir e valorizar essas fugas que constantemente acontecem com todos os estudantes, em última instância com todas as pessoas? É possível que elas façam parte de uma atividade educativa? Assim como todos nós já investimos em pequenos passeios e lentidões antes de chegar a algum lugar necessário, os participantes da oficina também o fizeram. Saíram com uma tarefa: fotografar o Meio Ambiente, o que para eles era a natureza o mais intocada possível. Mas nesse processo muitas outras coisas aconteceram a esses estudantes. E muitas imagens também aconteceram a partir dessas pequenas fugas do tema proposto.

As imagens “nada a ver” que Edna mencionava partiam de vários outras situações. Estar junto de amigos e colegas em um sábado pela manhã, encontrar pontos turísticos conhecidos como a Ponte Hercílio Luz, ter uma câmera na mão para registrar todos esses momentos. Parar para conversar, caminhar pela cidade, ver as igrejas, os prédios, esculturas, monumentos. Fotografar quem se gosta, o que se gosta, o que chama a atenção, o que guarda boas lembranças.

As fotos “nada a ver” também eram aquelas que traziam o erro ou o imprevisto: uma pessoa que atravessa a



²⁷ José Lezama Lima (1910- 1976) é poeta, ensaísta e novelista. É considerado um dos escritores mais importantes da literatura latinoamericana deste século.

rua e “atrapalha” o enquadramento, um carro que passa “bem na hora” de fotografar o Parque da calçada, o pé que aparece no canto da imagem. Essas imagens para mim eram uma riqueza de detalhes, novidades e experiências do passeio que fizeram e que não acompanhei, assim revelei muitas delas para o segundo dia de oficina. Ana Godoy (2008) nos fala da importância de um ecologia menor, que valoriza a experimentação guiada “pela desmontagem e pela fuga”(p. 60). Essa saída fotográfica foi planejada ainda muito motivada pelos desejos de saber sobre as concepções de meio ambiente dos estudantes, e por isso a temática escolhida. Porém, desde o início não gostaria só de saber quais elas eram, mas de incentivar uma ampliação dessas perspectivas com a presença de elementos urbanos na paisagem fotografada. Como osicineiros escolheram o Parque da Luz como local privilegiado para realizar essa atividade, sem que eles tivessem aproveitado a oportunidade para registrar o “nada a ver”, essa ampliação poderia ter sido impossibilitada de acontecer a partir das imagens.

As imagens produzidas em fuga do tema proposto também ajudaram a produzir deslocamentos a partir do conceito de meio ambiente, já que naquele segundo encontro conversávamos sobre as imagens escolhidas e sua relação com o meio ambiente.

Entretanto, esses deslocamentos iniciaram mesmo antes dessas imagens aparecerem na oficina. Anna acrescentou uma sua entre aquelas que eles tinham escolhido para legendar. Ela fotografou durante a primeira saída fotográfica paredes que sobraram de uma demolição que ficava ao lado do prédio da Unisul.

Essa imagem causou um imenso estranhamento principalmente em Paula. Durante todo o tempo que os



Anna

“para o alto e avante, o limo em
toca, o verde não visto...
ambientalizados”

outros participantes falavam sobre as suas imagens, ela ficava intrigada: onde ficava esse lugar? Quando a levamos até a porta da sala ela soltou um grito de surpresa ao ver a demolição. Ela sempre comentava sobre as imagens e criava suas as legendas sobre a beleza que via na natureza (inclusive até o final da oficina). Encontrar uma foto que considerou bonita que mostrava um lugar urbanizado e também destruído gerou uma série de comentários que permearam as discussões. Isso fez com que aparecessem as idéias de destruição da natureza causada pela humanidade e logo depois da cidade como parte do meio ambiente. Essas considerações de Paula, aliadas às minhas perguntas constantes sobre o que era abrangido pelo meio ambiente suscitaram afirmações que ampliavam o entendimento desse conceito.

Essas considerações feitas pelos participantes não se fixavam, e nem se fixaram até o final da oficina. Em algumas momentos os participantes diziam que as coisas eram construídas com o meio ambiente, em outros que a cidade fazia parte dele, e logo depois consideravam apenas o campo como meio ambiente. Não posso deixar de considerar as adequações que essas respostas e afirmações poderiam estar tentando buscar quando formuladas. Principalmente quando Anna e eu explicitávamos a separação que eles construíam, perguntando se aquilo então estava fora ou dentro do meio ambiente. Por outro lado, é possível considerar que essas falas de Paula, por exemplo, mesmo influenciadas por nossas perguntas, tiveram espaço dentro da oficina para serem formuladas. O encontro com a imagem de Anna gerou nela movimentações, que podem não ter sedimentado a idéia de que a cidade é meio ambiente, ou transformado as suas concepções em uma só direção, mas que possibilitaram pensamentos ainda que conflitantes.

Paula, ao ver a escada: *Olha só, eu não tinha prestado atenção. A fotografia dela é muito bonita, nem parece o mesmo lugar. Que legal, a gente consegue ver outras coisas que não tinha visto antes.*

Paula: *nenhuma das nossas fotos representa o meio ambiente de verdade(..). O meio ambiente está todo destruído. A gente só fotografou o que é bonito, mas o meio ambiente pode ser feio também (...). Vou começar a tirar mais foto do meio ambiente que o homem está destruindo.*

Paula: *o litoral do nordeste é lindo, mas o interior é de fome, de seca. Esse interior também é meio ambiente. Não existe só esse meio ambiente de Floripa que a gente conhece, tem coisas e lugares diferentes, terras, tipos de plantas, tudo isso também é meio ambiente, a cidade, onde a gente vive.*

Quando abri o envelope com as fotografias “nada a ver” reveladas, eles ficaram muito curiosos. Comecei a distribuí-las no centro da roda em que estávamos sentados e eles não acreditaram no que viam. Foi uma surpresa tão grande que me fez pensar no quanto aquelas imagens tinham sido tiradas pensando em outros contextos, realmente descoladas da tarefa de fotografar o meio ambiente. Eles apontavam para as imagens, contavam sobre cada uma delas e riam muito em ver essas imagens dispostas na oficina para discussão.

Em duas fotos apareciam Lúcio e Edna: uma tirada por Mariana em que eles apareciam de costas caminhando com um guarda-chuva e outra em que Lúcio posava para a foto em frente a Ponte Hercílio Luz. Quando eles viram tentaram me explicar que aquelas imagens não eram sobre o meio ambiente, que eles tinham tirado apenas como recordação, como brincadeira.

Uma das conversas que mais me marcou foi a que tive com Edna. Desde o primeiro dia ela comentava que gostava de fotografar a cidade e igrejas, que gostaria de fazer uma saída fotográfica em São Paulo ou Curitiba. Ao abrir o conjunto de imagens que ela tinha produzido, notei que a primeira imagem era de um prédio. Quando perguntei a ela qual era a primeira fotografia que ela tinha tirado ela respondeu rindo muito, já que a considerava fora da proposta da oficina, que era claro fotografar a natureza. Ao perceber que o tema proposto tinha sido Meio Ambiente ficou muito espantada, e em todos os outros encontros lembrava que a fixação que ela sentia pela natureza. Foi interessante ver essa descoberta de Edna, como se pela primeira vez entendesse que essas duas fossem palavras diferentes e que portanto poderiam também ter significados diferentes.



Franciele: *Edna, qual foi a primeira foto que você tirou?*

Edna: *Essa!* - rindo apontando para a foto citada.

Franciele: *você gostou dessa foto?*

Edna: *Sim, muito. É o que eu mais gosto de fotografar, a cidade.*

Franciele: *E por que essa não foi escolhida?*

Edna: *Por que não era o foco dessa oficina. Aqui foi pedido pra gente fotografar a natureza.*

Franciele: *A natureza? Qual era o tema da saída fotográfica?*

Edna: *Meio Ambiente! – disse muito surpresa. É mesmo! Nossa, eu sai pensando em natureza.*

Dois movimentos estiveram presentes nessa atividade de compartilhamento de imagens da oficina: falar sobre as imagens que produziram e olhar para as fotografias dos outros. Configurou-se assim o fotografar e observar fotografias como uma dança entre “a informação e a imaginação, entre o registro e a invenção, entre a compreensão e o assombro” (WUNDER, 2008, p. 75).

Todas essas possibilidades estiveram em jogo no momento de olhar as imagens durante as nossas discussões. Algumas suscitaram perguntas sobre conteúdos da Biologia, outras lembranças de algum momento do passeio. Imagens que os surpreendiam com detalhes não vistos na hora de fotografar, ou com as reações dos outros em relação às suas imagens. Algumas ainda nos mostravam outras possibilidades de ângulos, cores e enquadramentos que íamos comentando ao longo da atividade.

É interessante notar algumas conexões que eles fizeram entre as imagens. Na primeira parte da manhã falamos um pouco sobre a capacidade do homem de transformação do ambiente, uma característica que para eles era diferenciadora do restante dos animais. Mais adiante na oficina, se depararam com a fotografia de um ninho de joão-de-barro tirada por Janaína, e concluíram que estes também poderiam construir. Isso desestabilizou as fronteiras que eles colocavam entre os seres humanos e não-humanos, gerando uma aproximação e empatia. Essa imagem foi muito marcante para Lúcio, que inclusive a incluiu em seu desenho sobre o meio ambiente, colocando um ninho de joão-de-barro em cima de uma das árvores.

Uma fotografia de Paula mostrava um pássaro em uma gaiola, que eles também tinham visto no Parque da Luz. Eu comecei a comentar sobre o enquadramento interessante da foto, mas Edna dizia que essa não era uma boa foto

Franciele: *vocês citaram as plantas, a água, os animais. E o homem é o que?*

Todos: *um animal...*

Fernanda: *um animal racional...*

Lúcio: *só que a gente é o animal que transforma o meio ambiente.*

Franciele: *vocês acham que só o homem transforma o ambiente então?*

Edna: *pode ser que outros transformem, mas só se for só um pouquinho. Não como o homem, que constrói(...). Tem muito impacto.*



Paula: *Olha, eu não saberia fazer isso que eles fazem!*

Lúcio: *É como... Assim...Eles têm a casa deles e nós temos a nossa. Também constroem.*



Edna: *Eu não acho uma foto boa, porque o pássaro está preso dentro da gaiola.*

Paula: *É, eu pedi permissão para o dono para fotografar o pássaro. Eu queria tirar uma foto dele, mas é verdade, ele não deveria estar preso.*

porque ele estava preso. Ela inclusive me mostrou outra imagem em que um pássaro poderia sair voando, em que estava livre. No último dia da oficina, Lúcio uniu essas duas fotografias e produziu um stencil que segundo ele, significava que o pássaro deveria estar no ninho e não preso na gaiola. Na última saída fotográfica, diversas imagens mostravam pássaros soltos e presos, que os participantes iam encontrando pelo caminho.

Barthes (1984) nos ensina que “a fotografia é subversiva não quando aterroriza, perturba ou mesmo estigmatiza, mas quando é pensativa” (p. 62). O encontro com essas imagens potencializou pensamentos nos participantes, pensamentos que permitiram uma espécie de “ecologia que se faz na invenção” (GODOY, 2008, p. 84) de relações que não seriam possíveis sem o encontro com esse conjunto de imagens, ou seja, sem a ação do dispositivo que permitiu esse encontro.

A partir do terceiro dia, as atividades foram voltadas a permitir uma outra relação dos estudantes com as imagens fotográficas. Barthes (1984) escreve sobre duas maneiras distintas de olhar para uma imagem. Formula então dois conceitos que seriam contrários, o *studium* e o *punctum*. Sobre o primeiro deles, comenta que:

Reconhecer o *studium* é fatalmente encontrar as intenções do fotógrafo, entrar em harmonia com elas, aprová-las, desaprová-las, mas sempre compreendê-las, discuti-las em mim mesmo pois a cultura (com quem tem a ver o *studium*) é um contrato feito entre os criadores e os consumidores. (BARTHES, 1984, p. 48).

O *punctum* por outro lado, é “um segundo elemento que quebra (ou escandir o *studium*). Dessa vez,

Franciele: *Aqui, o enquadramento ficou bom, porque imaginem se a foto começasse na frente do pássaro, cortaria para onde ele está olhando.*

Paula: *Acho que ele olhava para os outros pássaros, que estavam soltos nas árvores...*

Edna: *É. Essa foto não está boa. – um tempo depois me mostra uma fotografia na sua câmera digital de um pássaro pousado em uma cerca – Olha, isso é o ideal. O pássaro pode voar, está livre.*



Lúcio: *Significa que o pássaro deveria estar aqui (no ninho) e não dentro da gaiola.*



não sou eu que vou buscá-lo (...), é ele que parte da cena, como uma flecha, e vem me transpassar.” (p. 46). Ligado ao afeto, é algo difícil de comunicar e, sobretudo, compartilhar (ENTLER, 2006, p. 7). Com isso, não pretendia usar o *punctum* como conceito norteador das atividades, mas o encontro com ele serviu de inspiração e mostrou que era possível olhar para as imagens de maneira mais subjetiva e mais pensativa, sem a preocupação de encontrar o que nela está certo ou errado. Pretendia que os participantes não estivessem preocupados em discutir conceitos a partir das imagens, mas que se deixassem ferir por aquilo que chamasse a atenção deles, que movesse outros pensamentos para além daqueles discutidos nos dois primeiros dias. Nas nossas conversas, os participantes falaram sobre imagens que transmitiam sensações de pensamento, de vazio, de ausência de pessoas ou pelo contrário de muita movimentação.

Acredito que esse outro enfoque adotado pela oficina no terceiro encontro auxiliou muito para que eles se colocassem mais nas atividades que realizávamos, principalmente em relação às últimas fotografias e legendas nas intervenções urbanas.

Nesse nosso passeio pela cidade, muitos outros olhares puderam ser produzidos sobre o ambiente urbano. Não mais preocupados apenas em retratar a natureza, as imagens do último dia são como outro fôlego que escapa de tanta restrição que eu observava na primeira saída.

Caminhavam pela cidade: por praças, pelas ruas, ciclovias, pontos turísticos. E as máquinas faziam tudo ao mesmo tempo: registrar o passeio, o último encontro entre amigos, buscavam ângulos e enquadramentos interessantes, fotografavam as intervenções urbanas, relacionavam as imagens com tudo aquilo que conversamos. As imagens do



Edna

“e ai já olhou pro céu hoje? ao escrever essa frase no chão, no centro de Florianópolis me senti um pedacinho de alguém fazendo algo pelo meio ambiente. passada uma semana voltamos ao local e lá estava o nosso registro, e fiquei me perguntando será que alguém viu? as respostas virão ao decorrer do tempo e das transformações.”



Mariana

“Eu sou meio ambiente. Eu modifico o meio”

Franciele: *fiquei muito impressionada com essas fotos que você tirou hoje!*

Lúcio: *Sim, eu também fiquei impressionado, muito surpreso mesmo. Ficaram ótimas.*

Franciele: *Você acha que a oficina te ajudou a tirar fotos assim, mesmo sem ser sobre técnicas de fotografia?*

Lúcio: *Ah sim, foi tudo culpa da oficina. E eu aprendi muita coisa*

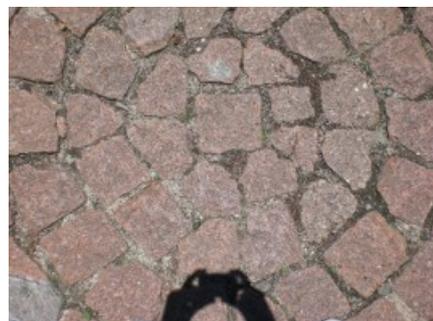
quarto e do quinto encontro se misturaram, já que Lúcio e Edna voltaram para tirar algumas fotografias. A cada nova saída menor se tornava o compromisso de realizar tarefas, produzir imagens sobre isso ou aquilo, seguir os temas propostos. A arte de fotografar cada vez mais parte da vida de cada um dos participantes, resultando em vida que sempre pede por mais vida.

Cada um mostrava seu ponto de vista, na hora de fotografar, e os ensaios fotográficos finais são uma riqueza da multiplicidade presente na malha urbana. Árvores, pássaros, pessoas, edifícios, calçadas, museus, cartazes, lojas, auto-retratos, retratos em grupo, pés, mãos, beijos, abraços.

Todas as fotografias mudaram muito do primeiro para o último encontro, porém as de Lúcio foram as que mais se transformaram. Na primeira saída ele fotografou apenas paisagens naturalizadas do Parque da Luz, já nos últimos encontros é enorme a variação de temas e ângulos, com fotos muito interessantes e experimentais. No caso de Edna, as suas legendas também sofreram grandes modificações. Ela usa imagem e legenda como formas complementares de contar as suas experiências mais significativas durante a oficina.

Apresento aqui algumas imagens que me tocam, que me *ferem*. Imagens que mostram a potência da arte e da fotografia a traçar linhas de vida (GODOY, 2008, p. 84) que resultam em “existências singulares, existências únicas” (p. 85).

sozinho. Eu aprendi olhando as outras fotos, as fotos que os outros tiraram, as que você trouxe. A oficina mudou a minha visão sobre fotografia.



5. Pinhole: foto-experimentações

Não quero saber como as coisas se comportam, quero inventar comportamento para as coisas (BARROS, 2007, p. 65)

A fotografia pinhole, como já explicitiei em outros momentos, não estava prevista para fazer parte da oficina. Apareceu apenas como curiosidade, nas fotografias e na câmera de lata de Francisco, mas o encantamento que despertou nos participantes foi tão grande que não foi possível continuar sem ela.

A construção dessas câmeras artesanais passa pelo que Manuel de Barros nos fala nesse poema: inventar comportamentos para as coisas. Qualquer compartimento pode se transformar em uma câmara escura, e com um pequeno furo permitir a entrada da luz e a formação de imagens. As possibilidades de materiais que podem ser utilizados são infinitas, assim como são os efeitos resultantes a partir de cada uma dessas escolhas.

Para a oficina não podíamos utilizar as latas e papéis fotográficos, sobre os quais as instruções de construção são de fácil acesso. Para que pudéssemos revelar as imagens, eu e Francisco precisávamos inventar uma câmera que utilizasse filme, que necessita de sistemas de rolamento e isolamento de cada imagem tirada para que uma próxima possa ser produzida sem que a luz a queime. Isso tudo em uma semana, para que as fotos pudessem ser reveladas no último dia da oficina.

A partir dessa necessidade, muitas pesquisas e tentativas: caixas de madeira, de fósforo (grandes e pequenas), sistemas de rolamento com chaves, rolhas, lápis, *hashis*, facas, enfim, tudo que encaixasse e que estivesse à nossa vista. Muitas decepções depois, o mais inusitado tomou forma: caixas de suco, filmes rolados com palitos de sorvete e presos com elásticos que se acumulavam da compra



de muitas pamonhas ao longo dos anos.

Além dos materiais utilizados, ainda muitas outras variáveis são possíveis, como, por exemplo, a abertura maior ou menor do furo da agulha, o tamanho e formato do corte que permite que a luz chegue no filme, permitindo influenciar a construção geométrica, posição e tamanho da imagem, a presença ou ausência de bordas escuras, entre outros. Constantes deslocamentos, que exigem reconstruções e reinvenções, já que a câmera sempre pode ser feita de outra maneira, e quanto mais se fotografa maior é a vontade de experimentar ainda outras combinações.

Nesse movimento de buscar materiais, “uma aventura que se apresenta como acontecimento imprevisto quando, ao deslocar alguma coisa, subverte as funções que as circunscrevem e às quais ela serve, instituindo um outro uso das coisas.”(GODOY, 2007, p. 121). Materiais que viram máquina fotográfica, mas deixam uma sensação de que existem ainda muitas outras criações a serem feitas, “muito mais preciosidades” a serem construídas, muitas maneiras de experimentar as coisas e o mundo. O que mais pode virar algo que eu nem imaginava até então que era possível? O impossível e o inacreditável se materializam nas imagens únicas produzidas por esse tipo de fotografia.

Singulares porque são processuais. As marcas da construção da câmera envolvem toda a imagem, são perceptíveis, são partes constituintes e, portanto, inseparáveis do produto final que é visto. São imagens-processos, processos que são a própria obra.

Assim, construir a câmera é uma etapa essencial da produção de imagens. Porém, na oficina, os participantes não tiveram a oportunidade de construir as suas próprias câmeras. Os encontros tinham algumas programações, e a fabricação da pinhole exigiria no mínimo mais um dia de oficina.



Edna

“Ao produzir essa pequena máquina fotográfica a sensação que vinha era poxa, um material que seria jogado fora podemos criar uma máquina fotográfica e muito mais preciosidades. Uma experiência inesquecível que levarei comigo ao decorrer da minha caminhada.”

Assim, os participantes tomaram contato com uma câmera já pronta para ser usada, o que impossibilitou todo esse processo inventivo envolvido com a sua produção. Essa falta foi sentida também pelos oficinairos. Quando Edna perdeu todas as fotos do quarto encontro e combinamos de nos encontrar uma última vez para fotografar, ela e Lúcio sugeriram que reconstruíssemos as câmeras.

Francisco também foi para nos ajudar nas construções da câmera. Naquela manhã de sábado nos encontramos na praça XV no centro da cidade. Como não tínhamos sala de aula à nossa disposição, sentamos em uma das mesas da praça e acomodamos todos os materiais necessários para remontar as pinholes. Não tínhamos mais os planejamentos prévios da oficina. Também não tínhamos pressa, por isso tomamos todo o tempo que foi necessário em cada um dos detalhes envolvidos com a câmera.

A mesa estava preenchida por uma variedade de materiais, elásticos coloridos, caixas de suco, palitos de sorvete. Um menino passava correndo por perto da nossa mesa e parou para nos observar. Com o tempo foi chegando mais perto para ver o que estava acontecendo. Ele nos perguntou o que estávamos fazendo, e eu respondi: uma câmera fotográfica. Expliquei como ela funcionava e continuamos a construção agora com um espectador. Passado algum tempo mais um menino se aproximou da mesa, querendo saber o que era aquilo tudo.

Eu já estava explicando a ele o que fazíamos quando seus pais também chegaram. Eu contei sobre as câmeras, mostrei o mecanismo que estávamos construindo, e eles não conseguiam acreditar. Mas sai alguma coisa mesmo dessa câmera? Mais de uma foto? E como gira? E como revela? E como aprenderam a fazer? Logo depois várias crianças ao mesmo tempo passavam pela praça e também queriam saber



o que estávamos fazendo. Eu expliquei a eles, e um deles me pediu para tirar a sua foto. Ele pensava que a pinhole era uma polaróide que dava uma imagem instantânea. Decepções à parte, também demonstraram grande interesse pela câmera. Já no final da manhã, o primeiro menino que passou muito tempo conosco chamou a sua mãe para também conhecer a câmera de caixa de suco. Ela era uma professora do ensino fundamental, e disse que já tinha ouvido falar de câmeras de lata, mas que ainda gostaria de construir algumas com os seus alunos.



A situação que vivenciamos naquela manhã foi inesperada, não planejada. Aconteceu algo que produziu um “intervalo, a diferença, a descontinuidade” (LARROSA, 2001, p. 285) no cotidiano das pessoas que passavam e também na trajetória da oficina que estávamos finalizando naquele último encontro. Com tantas tentativas de intervir de alguma maneira na cidade, com faixas, placas, camisetas, acabamos encontrando outros habitantes urbanos em um situação muito diferente. Situação que partiu do desejo de encontro. Do desejo de saber o que era aquilo que estava ali, em cima da mesa. Da curiosidade das crianças que incentivou a aproximação de outras pessoas.

Nas passagens pelas praças e pelos espaços da cidade, geralmente estamos com pressa, correndo para chegar onde precisamos. A parada, a lentidão, o estar-junto e compartilhar o que se sabe e o que se gosta pode ser uma forma de pensar a participação na (des)construção desse ambiente urbano. Também é possível pensar nos processos educativos que podem se dar pela experiência dos encontros fortuitos e dos acontecimentos não planejados. Os desdobramentos e repercussões dessas experiências sendo também desconhecidos, não planejados e imprevisíveis.

A fotografia pinhole trouxe também modificações a

partir das imagens que produzíamos com câmeras digitais. O ato de fotografar é profundamente modificado quando utilizamos uma máquina pinhole para produzir imagens. A participação ativa do fotógrafo termina antes da imagem começar a se formar. Não é possível olhar no visor e escolher o enquadramento, decidir o momento da foto apertando o botão que instantaneamente capta o momento escolhido. A partir do momento que apoia a câmera em um suporte e abre a entrada de luz, “não sou eu quem bate a foto – é a fotografia que se dá” (DIETRICH, 2006, p: 245). A posição do fotógrafo passa ser a de espera e certa passividade, daquele que aguarda que algo aconteça ao material fotossensível pela ação da luz. Larrosa (2002) nos fala do sujeito em experiência que não se define por sua atividade, mas por sua “receptividade, disponibilidade e abertura” (p.19).

Na fotografia pinhole, essa abertura é sobretudo ao imprevisível, ao incontrolável. Por mais que o fotógrafo possua algum tipo de controle sobre certos elementos envolvidos na produção da imagem (aponta a câmera para uma direção específica, controla o tempo de abertura, faz sobreposições entre as imagens), a tentativa de prever o que vai resultar nas imagens é em vão. Revelá-las é sempre uma aventura e exige a aceitação de não saber o que vai surgir a partir do filme exposto. Na lentidão e na espera da fotografia pinhole, a possibilidade de “olhar mais devagar, suspender o automatismo da ação, ter paciência e dar-se tempo e espaço” (idem). Suspender o controle, suspender as certezas, suspender as verdades. Abrir-se a *experiência e a experimentação*. As imagens produzidas por essas câmeras artesanais também brincam com a idéia de fotografia como representação do real, entendido como “a factualidade pura e imediata” (MICHELON, 2007, p. 187). Nem todos os



elementos do real aparecem na imagem final: só aparece aquilo que permanecer parado por tempo suficiente para deixar a sua imagem. Se alguém ou alguma coisa está em frente à câmera no início da exposição e depois sai do enquadramento ou é retirado, sua imagem será substituída pela nova cena e desaparecerá na imagem final.



A pinhole também grava os movimentos, que aparecem como vultos que mostram as diferentes posições que foram tomadas na movimentação. As sobreposições também são possíveis, que se trata de fotografar uma cena e depois outra utilizando o mesmo pedaço de filme ou papel fotográfico. Além disso, todos os outros efeitos permitidos por ela também causam estranhamento e diferenciação a partir do que é visto: falta de definição, marcas luminosas estranhas, sombras, imagens tremidas e sobrepostas.



Olhar as imagens é, portanto, causador de surpresa, estranhamento e também encantamento. Descobrir outras maneiras de ver lugares já conhecidos, surpreender-se com os enquadramentos, comemorar imagens que podem ser identificadas como alguma coisa que eu tentei registrar, mas que se transformaram em outras em seus processos para se tornar imagem. Tornar-se outro também no encontro com elas, “tê-las como irrupção da diferença” (WUNDER, 2008, p.74). Imagens-acontecimentos, entendendo o acontecimento como “a emergência de algo novo, uma rachadura, linha do sentido rasgada, desfiada, triturada, esmigalhada que abre forças de pensamento” (p. 73).



Esse acontecimento esteve presente também no reencontro com as fotografias produzidas pelos participantes da oficina. Fotografias de pessoas diferentes, cada uma um fragmento e uma descontinuidade, produto de uma experiência única e singular produzida na sua relação com o que é fotografado e com a câmara escura que se abre para a



entrada da imagem. Sobre essa experiência Larrosa (2002) nos ensina que mesmo que a mesma coisa aconteça a duas pessoas diferentes, a experiência vivida a partir disso é “para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida.” (p. 27). Nas imagens dos participantes também a impossibilidade de repetição: mesmo com a mesma cena, cada fotografia é singular e impossível de ser repetida. Imagens únicas e experiências únicas vivenciadas naqueles dias.

É possível dizer sobre os sentidos dessas imagens? Das intencionalidades de quem a produziu? Prefiro me “deslocar das intenções de identificações dos sentidos e de entrar num movimento de criação de sentidos com as fotografias” (WUNDER, 2008, p.16). Mergulhar nas forças do pensamento que elas possibilitam. Do encontro com as imagens “uma pluralidade de sentidos flora” (MIGLIORIN, 2006, p.88), sentidos em constante variação, que não se fixam. Nenhum deles sendo o verdadeiro sentido, a essência que deve ser entendida a partir das imagens.

Com as imagens-fragmentos crio continuidades não previstas. Continuidades que para mim evocam uma multiplicidade de pensamentos. Aproximo as imagens em uma certa ordem, mas nunca uma ordem absoluta. Outras construções são possíveis e podem ser realizadas por aqueles que param para observá-las permitindo-se ser atingidos por elas, pelas flechas que partem da foto que ferem e pungem. (BARTHES, 1984).

Nessas imagens proponho um passeio. Um passeio que inicia na sala de aula que utilizamos como palco da oficina-dispositivo e que se movimenta cada vez mais para fora. Movimentos que dão voltas pelo prédio, que olham o entorno que nos cercava e alcançam as ruas do centro e os percursos feitos por lugares desconhecidos pelos estudantes durante a



semana que fotografaram. As imagens ficam cada vez mais experimentais, mais abertas às intervenções do acaso que dão outras cores, outra vida, ainda mais potências para as imagens.

Espero que essa tenha sido também a trajetória dessa pesquisa, que com o tempo foi se abrindo cada vez mais a outras intervenções e experimentações, borrando-se, ganhando novas cores com cada uma dessas contribuições. Nesse processo aberto, do mapa que é feito pelo caminho, espero ter também possibilitado nos estudantes o encontro da potência de vida, vida em constante criação de outros mundos possíveis.



6. Alguns pensamentos

Hoje eu atingi o reino das imagens, o reino da despalavra. Daqui vem (...) que os poetas podem refazer o mundo por imagens, por eflúvios, por afetos. (BARROS, 2007, p. 23).



Durante esses meses de construção da pesquisa, entrei em contato com diferentes mundos que me lançaram em muitas direções. Nas primeiras propostas era forte o desejo de tatear outros terrenos, criar uma pesquisa que pelo menos buscasse percorrer outros caminhos em educação e meio ambiente, começando pela escolha de realizá-la em um ambiente urbano. A aproximação com a arte, seja pela fotografia, seja pela própria noção de dispositivos artísticos, me pareceu uma maneira interessante de construir uma pesquisa que incentivasse deslocamentos e criações daqueles que dela participassem.

Nessa intenção de criar possibilidades de deslocamentos também precisei me movimentar, o que gerou muitos encontros e aprendizados. Como no poema de Manoel de Barros, atingi outros “reinos”: o reino da imagem, da fotografia, da arte, de diferentes perspectivas em educação e meio ambiente. Em muitos momentos as leituras que fiz eram completamente novas para mim, exigindo um aprofundamento para que pudesse compreendê-las e falar sobre elas com mais segurança. Novos conceitos, idéias e metodologias que ampliavam as possibilidades de realização da oficina e também da posterior análise desses encontros. As mudanças que sofri aparecem ao longo da leitura: nos primeiros capítulos uma estrutura fechada acompanha um texto mais preocupado em explicar,

informar, esclarecer, ordenar. Os últimos capítulos se abrem à experimentação de uma outra escrita e assim também de uma outra disposição do texto, imagens e falas dos participantes, configurando duas narrativas paralelas repletas de vazios. Esta forma explicita a impossibilidade de tudo dizer. Convida a um mergulho na multiplicidade de sentidos que afloram do encontro com imagens e falas descoladas de uma explicação que as fixa como sentido único.

Dessa maneira, as leituras e as experiências que vivi na realização da oficina me incentivaram a repensar meus objetivos e desejos como educadora e pesquisadora, num constante processo de fazer-se e desfazer-se. Sobre essas movimentações, penso que foram essenciais para a construção da oficina e da pesquisa. Sofri transformações profundas na vivência desse processo, o que considero algo muito positivo para minha trajetória pessoal e profissional. Entretanto, isso também gerou muitas angústias e inseguranças, já que tive que lidar com constantes incertezas e reordenações.

Além disso, incluí no planejamento da oficina atividades de ordens distintas que tinham diferentes motivações e objetivos. Isso gerou uma multiplicidade de eventos, de experiências e de acontecimentos. Essa heterogeneidade que surgiu dos encontros era algo que eu buscava com a oficina, mas ao mesmo tempo dificultou a análise e escrita sobre tudo isso que nos aconteceu, principalmente em um trabalho de conclusão de curso que tem um tempo bastante limitado para ser finalizado.

Para que eu pudesse concluí-lo, tive que me acostumar com a idéia de que muito do que vivemos não pode ser contido nesse trabalho. Por terem sido tão significativos para mim, gostaria de conseguir transmitir todas as nuances dos encontros, conversas sobre tantas outras coisas, momentos de deriva. Porém, as experiências de cada um foram singulares, e geraram potências de pensamento e desdobramentos que não são possíveis de serem apreendidos nesse texto. Ficaram espaços vazios.

Não posso falar pelos participantes sobre as experiências e os desdobramentos destas na vida de cada um deles, mas alguns deles eu posso perceber pelas conversas que continuamos tendo até agora. Lúcio e Edna criaram um *site* intitulado “Fotografia e Meio Ambiente”, em que colocam suas fotografias, principalmente de paisagens e cidades para onde viajam, e alguns textos que falam sobre questões ambientais. Inclusive, viajei com eles para Balneário Camboriú e Itapema, e também fomos juntos a uma exposição de fotografia pinhole que ocorreu em Florianópolis. Paula e eu sempre conversamos pela Internet, e Jaqueline mesmo tendo participado apenas do primeiro dia ainda responde aos e-mails que enviamos entre aqueles que participaram da oficina. Sinto que é grande o interesse que eles têm em continuar realizando atividades como aquelas que fizemos durante a oficina, principalmente fotografar e construir câmeras pinholes.

Realizar essa pesquisa foi um série de encontros e (des)encontros que geraram pluralidades de sentidos. O (re) encontro com uma das imagens produzidas na oficina também evoca muitas lembranças e pensamentos: a centralidade da discussão sobre os conceitos do meio ambiente que com o tempo vai borrando seus contornos, fluidificando-se, abrindo-se cada vez mais à potência da fotografia, da arte, dos encontros, do estar-junto, em produzir outras conexões e possibilidades de vida. Imagem que também é alterada, cortada, borrada, que abre o trabalho mostrando essas movimentações da pesquisa, trazendo as marcas deixadas no papel pela revelação na luz do sol. Imagem que fere, que potencializa ainda muitos outros sentimentos e pensamentos sobre os mundos que refizemos por imagens, por eflúvios, por afetos...

7. Referências

BARCELOS, Valdo. *Educação Ambiental e Formação de Professores(as) - contribuições filosóficas da antropofagia cultural*. In: Valdo Barcelos; Sônia Balvedi Zakrzewiski. (Org.). *Educação Ambiental e Compromisso Social - Pensamentos e Ações*. 1ª ed. Erechim: EDIFAPES, 2004, v. 1, p. 193-210.

BARCELOS, Valdo; SILVA, Ivete Souza da. *Saberes, sabores e devorações – para uma educação ambiental pós-moderna*. In: Ana Maria Preve; Guilherme Corrêa (Org.). *Ambientes da Ecologia*. 1ª ed. Santa Maria: UFSM, 2007, v. 1, p. 139-154.

BARJA, Wagner. *Intervenção/terinvenção – A arte de inventar e intervir diretamente sobre o urbano, suas categorias e o impacto no cotidiano*. In: Rizoma.net c2007. Disponível em: <http://www.rizoma.net/interna.php?id=277&secao=artefato>. Acesso em 15 de novembro de 2008.

BARROS, Manuel de. *Ensaio Fotográficos*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2007. 66p.

BARTHES, Roland. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.185p.

BOURRIAUD, Nicolas. *Estética Relacional*. Buenos Aires: AH editora, 2006, p. 9-25.

CORRÊA, Guilherme Carlos; PEY, Maria Oly. Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Ciências da Educação. *Oficina: apontando territórios possíveis em educação / Florianópolis*, 1998. 110p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina.

DELEUZE, Gilles. *Que és un dispositivo?* In: BALBIER, E. et al. Michel Foucault, filósofo. Barcelona: Gedisa, 1999.

DIETRICH, Jochen. *Janela com boas vistas: fotografia, arte, participação e aprendizagem*. In: Lúcia Helena Correa Lenzi; Sílvia Zanatta Da Ros; Ana Maria Alves de Souza; Marise Matos Gonçalves. (Org.). *Imagem: intervenção e pesquisa*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006, v. , p. 139-150.

ENTLER, Ronaldo. *Para reler a Câmara Clara*. FACOM. Revista de Comunicação da FAAP, São Paulo, v. n. 14, p. 04-09, 2006.

FRANÇA, Andréa. *Ser imagem para outro*. In: Ana Sílvia Davi Médola, Denize Correa Araujo e Fernanda Bruno (Org.). *Imagem, visibilidade e cultura midiática*. Porto Alegre: Sulina, 2007. p. 47-61.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005. 213p.

GODOY, Ana. *A menor das ecologias*. 1ª ed. São Paulo: EDUSP, 2008. v. 1. 333 p.

GODOY, Ana. *Conservar docilidades ou experimentar intensidades*. In: Ana Maria Preve; Guilherme Corrêa. (Org.). *Ambientes da Ecologia: perspectivas em política e educação*. 1ª ed. Santa Maria: UFSM, 2007, v. 1, p. 121-137.

GONÇALVES, Carlos Walter P. *Os (des)caminhos do meio Ambiente*. 8ª ed. São Paulo: Contexto, 2001. Os (des)caminhos do conceito de natureza no ocidente. p. 25-36.

GUIDO, Lúcio de Fátima Estevinho. *Educação, televisão e natureza: uma análise do Repórter Eco*. In: 29ª Reunião anual da ANPED, 2006, Caxambu. Anais da 29ª Reunião anual da ANPED, 2006. p. 01-18.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso. *Fulgurações: pelos rastros da educação ambiental*. In: Ana Maria Preve; Guilherme Corrêa. (Org.). *Ambientes da Ecologia: perspectivas em política e educação*. 1ª ed. Santa Maria: UFSM, 2007, v. 1, p. 177-186.

LARROSA, Jorge. *Dar a palavra*. Notas para uma dialógica da transmissão. In: LARROSA, J., SKLIAR, C. (orgs.). *Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 281-295.

LARROSA, Jorge. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. In: *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro: Autores Associados, 2002. n.19, p.20-28.

LINS, Consuelo. *Rua de Mão Dupla: documentário e arte contemporânea*. Disponível em:

<http://www.caoguimaraes.com/page2/artigos/artigo_01.pdf>. Acesso em 15 de novembro de 2008.

LISBOA, Tom. *As polaroides (in)visíveis e seus deslocamentos*. Disponível em http://www.sintomnizado.com.br/polaroides_sobreapolaroides.htm. Acesso em 20 de abril de 2009.

MATTES, Aletea Hoffmeister ; CHEREM, Rosângela. "*Polaroides (in)visíveis*": um novo convite à flânerie. Disponível em http://www.sintomnizado.com.br/polaroides_textoaletea.htm. Acesso em 20 de abril de 2009.

MICHELON, Francisca Ferreira. *O mundo reconstruído em prata revelada: a discussão da fotografia como recurso e resultado do olhar investigativo*. In: José Vicente Freitas; Maria do Carmo Galiazzi (Org.) *Metodologias emergentes em Educação Ambiental*. 2ª. ed. Ijuí: Editora da UNIJUÍ, 2007, v. 1, p. 179-199.

MIGLIORIN, Cezar. *O dispositivo como estratégia narrativa*. In: André Lemos; Christa Berger; Marialva Barbosa (Org.). *Narrativas Midiáticas Contemporâneas - Livro da Compós XIV / 2005*. Porto Alegre: Sulina, 2006. p. 82-94.

PEIXOTO, Nelson Brissac . *Arte/Cidade - Intervenções Urbanas*. São Paulo: Ed. SENAC, 2002. v. 1. 372 p.

REIGOTA, Marcos. *Meio ambiente e representação social*. 7ª. Edição. São Paulo: Cortez. (Coleção Questões de Nossa Época n. 41), 2007. 87 p.

SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a Cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, 310p.

WORTMANN, M. L. C. . *Por que se valer do cinema, da mídia, da literatura, da televisão para discutir natureza/ambiente?*. In: ZAKZEVSKI, Sônia Balvedi; BARCELOS, Valdo. (Org.). *Educação Ambiental e Compromisso Social. Pensamentos e Ações..* 1 ed. Erechim (RS): Edifapes, 2004, v. , p. 147-161.

WUNDER, Alik. *Foto quase grafias, o acontecimento por fotografias de escolas*. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008. 127p.

ZANELLA, A. V. . *Sobre olhos, olhares e seu processo de (re)produção*. In: Lúcia Helena Correa Lenzi; Sílvia Zanatta Da Ros; Ana Maria Alves de Souza; Marise Matos Gonçalves. (Org.). *Imagem: intervenção e pesquisa*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006, v. , p. 139-150.

8. Anexos

ANEXO I

Cartaz de divulgação da Oficina de Fotografia e Ambiente: Imagens do Urbano



GRUPO TECENDO - EDUCAÇÃO AMBIENTAL E ESTUDOS CULTURAIS

 UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Oficina de Fotografia e Ambiente: Imagens do Urbano

Saídas fotográficas
Discussões sobre o meio ambiente
Imagens, filmes e intervenções urbanas

Pré-requisitos:
• Participação nos quatro dias de oficina
• Possuir máquina fotográfica ou celular com câmera

Inscrições: franblo@gmail.com



Rua Padre Roma, 404
Centro - Fpolis

Apóia:
 UNISUL

Local: Prédio da UNISUL - Unidade Padre Roma, Sala 03
Datas: Sábados, 18/10, 25/10, 01/11 e 08/11 de 2008,
das 09 às 12 horas.
Ministrada por acadêmicas do curso de Ciências Biológicas da UFSC

ANEXO II

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado (a) a participar como voluntário (a) da pesquisa “Fotografias urbanas: o encontro com o ambiente”, no caso de o senhor (a) aceitar o convite, favor assinar ao final do documento. Sua participação não é obrigatória, e a qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento pessoalmente, por telefone ou por e-mail . Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição.

Título do projeto: Fotografias urbanas: o encontro com o ambiente.

Pesquisadora responsável: Franciele Favero

Instituição a que pertence o pesquisador responsável: Universidade Federal de Santa Catarina.

Endereço: Bairro Trindade – Florianópolis – Santa Catarina – Brasil – CEP 88040-970

Telefones para contato: (48)9608-2569

E-mail: franbio@gmail.com

Nome do voluntário:

Idade: _____ **RG:** _____

Responsável legal (quando for o caso):

RG responsável legal: _____

OBJETIVOS: A pesquisa tem como intuito entender as relações dos participantes de uma oficina com o ambiente e promover encontros com o entorno através da produção e análise de imagens.

PROCEDIMENTOS DO ESTUDO: Caso concorde em participar da pesquisa, você será convidado a participar de quatro (04) dias de oficina com duração de 3 horas cada, totalizando 12 horas. Nesta oficina, você será convidado(a) a fotografar o centro da cidade de Florianópolis e a analisar outras imagens e vídeos que se relacionem com a temática meio ambiente. A oficina poderá ter algumas partes gravadas em vídeo se houver consenso entre os participantes. Das produções da oficina (fotografias, falas, textos e vídeos) resultarão os dados empíricos do projeto de pesquisa, que se converterão no Trabalho de Conclusão de Curso da pesquisadora.

CUSTO/REEMBOLSO PARA O PARTICIPANTE: você não arcará com nenhum gasto decorrente da sua participação e também não irá receber qualquer espécie de reembolso ou gratificação devido à participação na pesquisa, apenas um certificado de participação da oficina intitulada “Fotografia e Ambiente: Imagens do Urbano”. Este é um projeto de extensão, e o certificado será emitido pelo Departamento de Projetos de Extensão (DPE) da Universidade Federal de Santa Catarina (SC).

CONFIDENCIALIDADE DA PESQUISA: É garantida a confidencialidade, o que assegura a privacidade do(a) senhor (a) quanto aos dados obtidos da oficina, sendo que somente serão divulgados dados diretamente relacionados aos objetivos da pesquisa, não sendo vinculada identificação do(a) participante em nenhum momento.

CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, _____, portador do RG _____, declaro que li as informações contidas nesse documento, fui devidamente informado(a) pela pesquisadora Franciele Favero dos procedimentos que serão utilizados, benefícios, custo/reembolso dos participantes, confidencialidade a pesquisa, concordando em participar da pesquisa. Foi-me garantido que posso retirar o consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade.

LOCAL E DATA:

NOME E ASSINATURA DO SUJEITO OU RESPONSÁVEL

NOME E ASSINATURA DA PESQUISADORA